

MICHELE MORAIS OLIVEIRA

**VULNERABILIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA ABORDAGEM SOBRE
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CATADORES DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS EM IPATINGA-MG**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2007

MICHELE MORAIS OLIVEIRA

**VULNERABILIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA ABORDAGEM SOBRE
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CATADORES DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS EM IPATINGA-MG**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 14 de junho de 2007.

Prof. James Jackson Griffith
(Co-orientador)

Prof^a. Patrícia Fernanda Gouveia da Silva
(Co-orientadora)

Prof^a. Neuza Maria da Silva

Prof. João Tinoco Pereira Neto

Prof^a. Márcia Pinheiro Ludwig
(Orientadora)

*A Deus, fonte de toda sabedoria.
Aos meus pais José de Oliveira e Mariuza, símbolos de luta por ideais.
Ao meu marido Marlon, colorido especial à minha vida
À minha irmã Leilane, amizade verdadeira.*

AGRADECIMENTOS

“Temos sonhos pelos quais lutamos, imaginando que a maior recompensa será a realização. Mas no fim descobrimos que a maior recompensa é a amizade que construímos no decorrer dos dias” (PEREIRA, 2006).

A Deus, que mais um sonho me permitiu realizar! Que fortaleceu, guiou, orientou e tudo proveu. Somente a um Deus assim darei meu louvor!

Aos meus pais José de Oliveira e Mariuza, que sonharam comigo, acreditaram, batalharam e deram até o que não podiam para que hoje, tudo isso fosse realidade. Obrigada por terem sempre me incentivado a estudar e, além disso, possibilitado condições para tal.

Ao meu marido Marlon pelo cuidado, por me amar, estar ao meu lado, ser meu amigo. Enfim, por me fazer tão feliz e por estar comigo “no mesmo barco, no mar da vida”.

À minha irmã Leilane, pela amizade e pelas ótimas idéias para efetivação da coleta de dados, mesmo estando em época de vestibular.

A toda minha família, inclusive sogra e cunhados, pela torcida e incentivo.

À vovó Zilda pelo carinho e por nunca se esquecer de mim em suas orações.

À minha orientadora, Professora Márcia Pinheiro Ludwig pela dedicação e seriedade na condução de nosso trabalho de pesquisa.

Aos meus co-orientadores, os Professores James Jackson Griffith, Maria Isabel Vieira Botelho e Patrícia Fernanda Gouveia da Silva pela atenção, zelo e disposição demonstrados.

À Professora Karla Maria Damiano Teixeira, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica e minha professora no mestrado, pelo apoio e oportunidade de trabalhar no projeto Cooperação Social, também por me indicar ao CNPq como bolsista de apoio técnico a pesquisa.

À Professora Ana Lídia Coutinho Galvão por ter me dado a primeira oportunidade de trabalhar com a questão dos resíduos sólidos. Também pela amizade e por me fortalecer e ajudar em muitos momentos.

Aos demais Professores nas disciplinas do mestrado, Neuza Maria da Silva, Maria das Dores Saraiva de Loreto, Maria de Fátima Lopes e Rita Márcia Vaz de Melo, muito obrigada pelos valiosos ensinamentos.

Às amigas da república Jeanne, Camila, Marília e Aline, com as quais convivi durante quase todo o mestrado. Vocês foram excelentes amigas e companheiras, valeu por todos os momentos que passamos juntas, pelas boas conversas e risadas.

Aos amigos da IPV – Igreja Presbiteriana de Viçosa, verdadeiros irmãos, pelo acolhimento, incentivo e orações. Não conseguiria aqui mencionar os nomes de cada um, pois além de serem muitos, correria o risco de esquecer alguém.

Às amigas da turma de mestrado Tatiane e Elizandra pela simpatia e amizade durante o tempo em que cursamos as disciplinas e também no período do trabalho de pesquisa.

Às colegas de turma do mestrado Meirelaine, Adla, Luciana, Luciane, Michelle Lelis, Carla, Ana Luíza, Dorinha, Ana Rocha, Joselaine, Ingrid. E aos colegas, matriculados como estudantes especiais, Raquel e Ribamar que, de coração, considero como parte da turma de 2005.

À Aloísia e Lena, funcionárias do Departamento de Economia Doméstica, por terem sempre contribuído com prontidão em nossas atividades acadêmicas.

À Universidade Federal de Viçosa pela oportunidade de aprendizado e formação.

Ao setor de limpeza urbana da Prefeitura Municipal de Ipatinga pelas importantes informações disponibilizadas.

Aos meus pesquisados, os catadores de materiais recicláveis, pela disponibilidade de gastarem tempo respondendo a tantas perguntas, obrigada mesmo. É para vocês que escrevo, sonhando que este trabalho contribua um dia para a melhoria da qualidade de vida de vocês.

“Este momento não traduz um fim de linha, mas sim uma ordenação de algumas idéias e uma busca de algumas respostas, construindo as bases para novos passos a serem dados” (JUNCÁ, 2004).

BIOGRAFIA

MICHELE MORAIS OLIVEIRA, filha de José de Oliveira e Mariuza Cunha Morais de Oliveira, nasceu em Ipatinga, estado de Minas Gerais, em 25 de março de 1981.

Iniciou seus estudos na Escola Estadual Padre Bertollo (hoje Escola Municipal), onde cursou o pré-escolar e as séries iniciais do Ensino Fundamental. No Colégio Tiradentes da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais cursou o restante do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, sendo este concluído em dezembro de 1998.

Em 1999 iniciou o curso de graduação em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa, se formando em agosto de 2003.

Exerceu atividades profissionais como Economista Doméstica no ano de 2004 pelo Convênio Italmagnésio/ UFV na cidade de Várzea da Palma-MG e em Carmo do Rio Claro-MG pela GCT – Global Ciência e Tecnologia, atuando na área de desenvolvimento humano e meio ambiente.

Em março de 2005 iniciou o mestrado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, submetendo-se à defesa de tese em junho de 2007.

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	xi
INTRODUZINDO: DO CONTEXTO À PROBLEMÁTICA REFLEXIVA.....	1
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1. O lixo no contexto das discussões acerca da sustentabilidade.....	13
1.2. Os catadores de materiais recicláveis no cenário da vulnerabilidade e exclusão social.....	21
1.3 A “profissão” de catador.....	25
1.4. Representações sociais: teoria e apropriações.....	28
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	33
2.1. A pesquisa qualitativa.....	33
2.2. Local de estudo.....	34
2.3. População e amostra.....	38
2.4. Coleta e construção dos dados.....	43
2.5. Procedimentos de análise dos dados.....	45
2.6. O trabalho de campo.....	46
CAPITULO 3 – PERFIL, COTIDIANO E TRABALHO DOS CATADORES.....	48
3.1. Perfil sócio econômico dos catadores de materiais recicláveis.....	48
3.2 A coleta de materiais recicláveis.....	57
3.3. O cotidiano dos catadores.....	60
CAPITULO 4 -. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CATADORES.....	65
4.1. Quando o lixo não é lixo.....	65
4.2. O trabalho com o lixo.....	67

4.3. Discriminados mesmo.....	70
4.4. Viver essa vida mesmo até o final: o futuro na visão dos catadores....	76
4.5. Trabalho do catador: limpeza da cidade.....	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
ANEXOS.....	95
APÊNDICES.....	99

RESUMO

OLIVEIRA, Michele Morais, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2007. **Vulnerabilidade e exclusão social: uma abordagem sobre representações sociais de catadores de materiais recicláveis em Ipatinga-MG**. Orientadora: Márcia Pinheiro Ludwig. Co-orientadores: James Jackson Griffith, Maria Isabel Vieira Botelho e Patrícia Fernanda Gouveia da Silva.

A sustentabilidade, a vulnerabilidade e a exclusão social permeiam as discussões sobre a problemática dos resíduos sólidos que, nas últimas décadas, têm se tornado uma preocupação mundial. Novos e velhos lixos, produção que se avoluma e destino final, coleta seletiva, educação ambiental, indústria de reciclagem – várias são as discussões atuais – pondo em destaque, em última análise, uma questão polêmica: a relação da sociedade com suas supostas sobras, sobras materiais e “sobras humanas”. Inseridos nesse contexto estão os catadores de materiais recicláveis, que constituem a unidade de análise deste estudo. De forma geral, buscou-se identificar e analisar as representações sociais do catador de materiais recicláveis do município de Ipatinga, Vale do Aço, Minas Gerais, acerca do lixo e questões a ele relacionadas. A abordagem qualitativa foi escolhida como perspectiva metodológica e como técnicas de coleta de dados foram utilizados o questionário, a entrevista semi-estruturada, a observação direta e o registro fotográfico. Os dados foram interpretados através da análise de conteúdo. Pôde-se constatar o desemprego e a falta de qualificação profissional como razões principais para inserção na atividade de coleta de materiais recicláveis. A rotina do catador é desgastante e envolve, na maioria dos casos, mais de oito horas de trabalho por dia, sendo necessário, algumas vezes, a

catação também no período noturno. As representações dos catadores sobre o “lixo” demonstraram valorização do termo promovendo-o a material reciclável. A dualidade trabalho x marginalidade, presente na realidade dos catadores, muitas vezes, acaba sendo uma das grandes motivações para o enfrentamento desse trabalho tão precário e discriminado em prol da sobrevivência. Nessa luta diária, muitos catadores possuem uma visão pessimista do futuro, não conseguindo vislumbrar possibilidade de melhorias ou realização de sonhos. Portanto, reconhecê-los enquanto indivíduos portadores de direitos e deveres e principalmente como protagonistas da ação da reciclagem de lixo é uma meta, a qual atualmente a sociedade já vem se deparando.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Michele Morais, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2007.
Vulnerability and social exclusion: an approach to social representations held by recyclable materials pickers in Ipatinga, Minas Gerais State.
Adviser: Márcia Pinheiro Ludwig. Co-advisers: James Jackson Griffith, Maria Isabel Vieira Botelho and Patrícia Fernanda Gouveia da Silva.

Sustainability, vulnerability and social exclusion permeate discussions about the problem of solid wastes that in recent past decades have become a worldwide concern. New and old garbage, growing production volume and final destiny, selective collection, environmental education, the recycling industry – diverse present discussions – emphasizing, in the final analysis, a controversial question: the relationship of a society to its supposed surpluses, material surpluses and “human surpluses.” Inserted into this context are recyclable materials pickers, the unit of analysis for this study. In general, the study sought to identify and analyze the social representations of the recyclable materials pickers in the Municipality of Ipatinga, “Vale do Aço” region, Minas Gerais State, as to garbage and related matters. A qualitative approach was chosen as methodological perspective and a questionnaire, a semi-structured interview, direct observation and photographs were used for data collection. Data were interpreted by means of content analysis. It can be affirmed that unemployment and lack of professional qualifications were the principal reasons for insertion into solid waste recycling activities. The recyclable materials pickers’ routine is wearisome and involves in the majority of cases more than eight hours of work per day, requiring that at times the collection extends beyond nightfall. The collectors’ representations of “garbage” demonstrated a valuing of the term, elevating it to the status of “recyclable

material". The duality of work versus marginality, present in the collectors' reality, oftentimes ends up being one of the great motivational forces for confronting such precarious and discriminatory work in order to survive. In their daily struggle, many collectors have a pessimistic vision of the future, being unable to envision any possible improvement or realization of dreams. Therefore, a goal is to recognize the collectors as individual possessors of rights and obligations, and principally as protagonists for actuating garbage recycling, something that society is already beginning to perceive.

INTRODUZINDO: DO CONTEXTO À PROBLEMÁTICA REFLEXIVA

“O objetivo do saber científico não é somente técnico, ainda que seja fundamental, mas o de impulsionar o processo de resolução social dos problemas ambientais e que envolvam as questões relacionadas à sustentabilidade e justiça ambiental” (ACSELRAD, 2004:146).

Nesta pesquisa realizou-se um estudo sobre as representações sociais relacionadas ao lixo urbano, tendo como unidade de análise os catadores de materiais recicláveis¹ que trabalham nas ruas da cidade de Ipatinga, Vale do Aço, Minas Gerais.

O primeiro contato com o cenário do lixo se deu no ano de 2001, durante estágio no projeto Reciclar, realizado através de parceria entre a Universidade Federal de Viçosa, por meio dos departamentos de Economia Doméstica e de Engenharia Civil e a Prefeitura do Município. Foi um projeto amplo, que buscava soluções para o problema do lixo na cidade, priorizando questões como implantação da coleta seletiva, realização de trabalhos de educação ambiental e busca de melhorias para as famílias que residiam no lixão, em situação de extrema miséria. Infelizmente, como muitos projetos dessa natureza, aquele também não teve prosseguimento².

¹ De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, cabe a esse profissional: catar, selecionar e vender materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis, sendo que tais atividades podem ser desenvolvidas de formas e em locais diferenciados.

² As dificuldades de implantação e execução de projetos voltados para solução dos problemas sócio-ambientais estão relacionadas a várias causas, dentre elas, a falta de qualificação profissional dos funcionários públicos responsáveis e o próprio desinteresse do poder público, que muitas vezes não prioriza ações dessa natureza.

Posteriormente, em 2004, atuando em um projeto de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos³, no município de Carmo do Rio Claro-MG, houve intervenção em situação semelhante àquela presenciada durante a graduação. Nessa experiência profissional, foi possível maior proximidade com os catadores de materiais recicláveis. O contato direto, muitas vezes, com famílias inteiras que se dedicavam a tal atividade, proporcionou o envolvimento, ainda que superficial, com a realidade social vivenciada por tal segmento, marcada pela ausência de qualificação profissional dos atores e acima de tudo de oportunidades no mercado de trabalho, problemas recorrentes na sociedade brasileira, socialmente desigual e excludente. Além disso, ficou evidenciado que as ações voltadas para a busca de soluções para os problemas sócio-ambientais eram diretamente dependentes do interesse e empenho do poder público. Pois ainda que houvesse sensibilidade e mobilização por parte de representantes da sociedade civil, engajados nestas questões, pôde-se notar a descontinuidade das ações. Esta situação levava ao desestímulo daqueles que abraçavam a causa e à frustração dos catadores de materiais recicláveis, inseridos diretamente no processo.

Se a proximidade com os catadores de materiais recicláveis de Carmo do Rio Claro foi capaz de ampliar as experiências com tal segmento social, muitos questionamentos surgidos naquele momento ficavam ainda sem respostas, os quais demandariam investimentos teóricos e estudo mais aprofundado. Foi nesse contexto, que, posteriormente, surgiu o interesse em transportar questões que emergiram da experiência profissional para um projeto de pesquisa, o qual deu origem ao presente trabalho.

Gonçalves (2004) afirma que estudos sobre catadores de materiais recicláveis vêm apresentando visibilidade nos últimos tempos, pois no Brasil, tem aumentado a cada dia o número de pessoas que se inserem nesta atividade. Gonçalves e Abegão (2006) ressaltam a importância das pesquisas voltadas para a questão dos catadores de materiais recicláveis e do lixo urbano quando afirmam que este não representa apenas o acúmulo de restos inúteis da maioria da população, mas também fonte de

³ No Brasil, estes programas devem ser implementados pela administração municipal.

sobrevivência para uma parcela considerável desta mesma população, que se encontra isolada ou até mesmo excluída dos meios básicos de sustentação da vida.

Ferreira (2006) destaca que, apesar da discriminação que envolve a atividade com o lixo, homens e mulheres buscam nesta atividade uma inserção no mundo social e do trabalho e realizam uma importante tarefa que reduz a contaminação do solo, dos lençóis freáticos e nascentes de rios, pois recolhem materiais que levariam muitos anos para serem degradados. O benefício que os catadores trazem para a limpeza urbana é grande, mas passa despercebido. Eles coletam recicláveis antes do caminhão da prefeitura passar, reduzindo, portanto, os gastos com limpeza pública (INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS – IPT, 1996).

Nesse contexto, é importante destacar que, nas últimas décadas, a questão ambiental tem se tornado uma preocupação mundial, e a maioria das nações reconhece a emergência desta problemática. A destruição da camada de ozônio, as alterações climáticas, a desertificação, o armazenamento e transporte de resíduos perigosos, os acidentes nucleares, a poluição hídrica e atmosférica, a perda da biodiversidade, o aumento no volume de lixo descartado diariamente, são alguns dos problemas que apontam para a necessidade cada vez mais incisiva de discussão da questão ambiental.

Leff (2001b) enfatiza que a degradação ambiental, o risco de colapso ecológico e o avanço da desigualdade e da pobreza são sinais eloqüentes da crise do mundo globalizado. A sustentabilidade é o significativo de uma falha fundamental na história da humanidade; crise que alcança seu ápice agora, mas cujas origens remetem à concepção do mundo que serve de base à civilização ocidental. Leff afirma ainda que a crise ambiental é a crise da sociedade atual e que o risco ecológico questiona o conhecimento do mundo. Esta crise apresenta-se como um limite do real, que ressignifica e reorienta o curso da história: limite do crescimento econômico e populacional, limite dos desequilíbrios ecológicos e capacidades de sustentação da vida, limite da pobreza e da desigualdade social.

Passaram-se três décadas desde a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em Estocolmo (1972), e continua-se a lidar com a crise sócio-ambiental como se ela representasse apenas uma espécie de pano de fundo a ser tratado de forma reativa e fragmentada, sem implicar a transgressão da lógica profunda que condiciona a organização das sociedades contemporâneas. Apesar do efeito mobilizador exercido pela Rio 92, as ações que vêm sendo empreendidas em nome da gestão ambiental ou do desenvolvimento sustentável têm se mostrado até o momento ambíguas, fragmentadas e pouco capazes de fazer justiça à complexidade dos desafios criados pela busca da redução das desigualdades no interior de cada país. Assim, a crise sócio-ambiental constitui um item ainda marginal na agenda de preocupações cotidianas da maior parte da população (LEFF, 2001a).

A sustentabilidade busca satisfação das necessidades da população atual sem que se comprometa a capacidade de atendimento às necessidades das gerações futuras. Assim, para ser sustentável, a sociedade necessita ser ecologicamente correta e socialmente justa. Entretanto, apesar da sustentabilidade ser o centro das discussões atuais, na prática têm-se observado “um modelo de modernidade regido pelo predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre a organização da natureza” (LEFF, 2001b:17). Acselrad (2004) acrescenta ainda que de nada adianta falar em natureza sem se referir ao social. e que a sustentabilidade não se trata apenas do cuidado com os recursos e com o meio ambiente, mas sim das formas sociais de apropriação e uso destes.

Figueiredo (1995:20) contribui para esta discussão para o cerne da questão ambiental quando destaca que

“O estilo de produção predominante na sociedade contemporânea põe em risco a qualidade e mesmo a possibilidade de vida das sociedades futuras e reduz a trajetória humana à capacidade de acúmulo de ‘poder’ ou capital, exercida individualmente ou por grupos de indivíduos ao longo de suas existências”.

O modo de produção capitalista enfatiza a produção extensiva, em grande escala, a aceleração dos ritmos e homogeneização dos espaços

sociais e naturais. O modelo atual de desenvolvimento e crescimento não responde às aspirações de bem-estar dos seres humanos. Este modelo impõe aspirações e produz aspirações sufocadas, fantasiadas e maquiadas, que fazem e manipulam o crer da própria concepção de bem-estar e aspirações nele embutidas (GUIMARÃES, 1997).

Estas aspirações resultam em uma doença da sociedade atual – o consumismo – que tem como grave conseqüência o excesso de lixo. Esse problema se refere ao atual padrão de consumo baseado na idéia do descartável e não-sustentável. Esse consumismo elevado é fruto dos problemas relacionais das pessoas, das propagandas e da própria tecnologia, que juntos resultam numa cultura “do excesso”. As pessoas consomem mais do que necessitam para se preencherem, para serem aceitas nos grupos. As propagandas atingem as pessoas principalmente quando não estão felizes, pois são mostrados na mídia conceitos e não produtos, o que leva os consumidores a associarem a aquisição de um produto a situações de bem-estar e alegria. A tecnologia resolve muitos problemas, mas também cria demandas: o desejo se transforma em necessidade. As pessoas descartam produtos bons para trocar em outros novos, mais avançados - e jogam no lixo o que não é lixo, o que ainda presta. O que permite fazer a seguinte associação: mais consumo - mais lixo.

Blauth (1998) destaca que precisa ser entendido o fato de que as decisões de consumo de cada indivíduo têm um custo social, econômico e ambiental que afetam a vida no planeta. Essa constatação leva a uma urgência de rever a noção de liberdade pública e privada, e a se pensar em soluções que estimulem o consumo e o descarte responsáveis. Por exemplo: as prefeituras brasileiras não cobram a remoção do lixo a partir da quantidade; assim, uma pessoa ter uma consciência ecológica muito desenvolvida e quase não gerar lixo, mas vai pagar a mesma quantidade de impostos que uma vizinha não ciente dos impactos causados pelo uso de descartáveis.

A questão dos resíduos sólidos urbanos (lixo) é um dos mais graves problemas ambientais da atualidade. Esta questão tem se tornado cada vez

mais um desafio para o poder público, indústrias e sociedade em geral, devido à dificuldade de se reduzir a geração destes resíduos. É necessário encontrar soluções para seu destino final e minimizar os problemas sociais e ambientais acarretados pelo mesmo.

Esta problemática é comum à maioria das cidades brasileiras. São vários os motivos que levam aos diversos problemas sociais e ambientais referentes a esta questão: inexistência ou ineficiência de uma política pública de limpeza, limitações financeiras das prefeituras⁴, falta de capacitação técnica e profissional, etc. Com isso, tem-se a degradação do ambiente, deslizamentos, enchentes, poluição das águas, do solo e do ar, colocando em risco a vida das famílias que vivem próximo às encostas e lixões. Além disso, há a questão daquelas famílias que sobrevivem da catação e comercialização do lixo ou que ainda trabalham de forma desumana nos lixões.

A destinação adequada de cada tipo de lixo, buscando reduzir a degradação do ambiente natural e social, pode ser efetivada através de educação, conhecimento e utilização de técnicas para redução, reciclagem e reaproveitamento do lixo. O envolvimento da população com a coleta seletiva deveria se fazer presente no cuidado com a separação dos resíduos na própria residência, o que levaria, necessariamente, a um esforço pessoal e mudança de hábitos.

No contexto mundial, Ribeiro e Lima (2000) afirmam que, os Estados Unidos e a Europa e, sobretudo, o Japão assumiram a vanguarda das iniciativas no campo da reciclagem, numa ação direta dos governos, atuação freqüente das empresas, das instituições da sociedade civil e da população como um todo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, todos os países reciclavam, sobretudo, metais para a indústria bélica. Entretanto, na Europa a coleta seletiva propriamente dita, iniciou-se na Itália, em 1941, em decorrência das dificuldades acentuadas pela guerra (SANTOS, 1995). No Brasil, a coleta

⁴ O CEMPRE – Compromisso Empresarial para a Reciclagem (2006) afirma que essa limitação financeira das prefeituras se deve, na verdade, à falta de informação destas. Pois há dinheiro disponível no Executivo para implementação da coleta seletiva e capacitação das cooperativas de catadores.

seletiva foi iniciada na cidade de Niterói, em abril de 1985, enquanto primeiro projeto sistemático e documentado. A partir daí, um número cada vez maior de municípios passou a praticá-la (Compromisso Empresarial para a Reciclagem – CEMPRE, 1995).

Contudo, Ribeiro e Lima (2000:52) afirmam que, “no Brasil, a grande maioria dos resíduos sólidos urbanos coletados tem como destino o solo, dispostos em lixões a céu aberto, em aterros controlados ou em aterros sanitários”. O Brasil produz mais de 150 mil toneladas de resíduos sólidos por dia. Destes, cerca de 90 mil toneladas são resíduos domiciliares. O grande problema é que cerca de 80% destes resíduos são despejados *in natura* a céu aberto, em terrenos baldios, valas, depressões naturais de terrenos, encostas, etc., formando os lixões, que causam problemas ambientais irreversíveis, principalmente a poluição dos lençóis freáticos, solo e ar. Além destes problemas de ordem técnica, temos o problema social ligado ao lixo urbano (PEREIRA NETO, 1999).

Sobre a coleta de resíduos urbanos no Brasil, Ribeiro e Lima (2000:65) destacam que:

“Infelizmente o Brasil evoluiu muito pouco nas últimas décadas. Universalizamos a utilização dos sacos plásticos para acondicionamento de resíduos a partir da década de 70 no lugar das velhas latas de lixo e estacionamos por aí. Existem algumas tentativas de coleta seletiva do lixo em alguns municípios, mas geralmente, com participação pequena da população. Desta forma, não se garante a real mudança de comportamento em relação ao desperdício de recursos naturais, a destinação inadequada do lixo no meio ambiente e, sobretudo em relação à necessidade de reciclar”.

Em julho de 1998, por iniciativa do UNICEF, foi criado o Fórum Nacional Lixo e Cidadania e no ano seguinte lançada a campanha “Criança no lixo nunca mais”, convidando a sociedade brasileira a se indignar com essa situação e a buscar soluções que permitam retirar, aproximadamente, 45 mil crianças do trabalho com o lixo. O Fórum Nacional Lixo e Cidadania é um espaço de articulação, composto por mais de cinquenta instituições que planejam e implementam ações para erradicar o trabalho de crianças e

adolescentes com o lixo, apoiar e fortalecer o trabalho dos catadores com a coleta seletiva, a reutilização e reciclagem do lixo e erradicar os lixões, recuperando as áreas já degradadas e implantando aterros sanitários (CAMPOS, 2006). Há também os Fóruns Lixo e Cidadania estaduais e municipais, que visam formulação e implementação de projetos locais para garantir um processo de gestão participativa que enfrente os problemas de degradação ambiental e social relacionados ao lixo do estado e município.

Santos et al. (2002) afirmam que, no Brasil, é de competência dos municípios a gestão dos resíduos sólidos produzidos em seu território, exceto os resíduos de natureza industrial. Sobre isso, Gonçalves (2004) acrescenta que os municípios brasileiros devem estabelecer e implementar suas próprias políticas. A gestão dos resíduos sólidos deve se constituir de ações normativas, operacionais, financeiras e de planejamento, desenvolvidas pela administração municipal baseado em critérios sanitários, ambientais e econômicos para coletar, tratar e dispor os resíduos sólidos da cidade, viabilizando processos e procedimentos que garantam a proteção da saúde pública e a qualidade do meio ambiente.

São muitas as prefeituras que procuram informações sobre a Coleta Seletiva de Lixo, mas não conseguem viabilizar os projetos. Têm-se informações de projetos mal conduzidos e que fracassam por várias causas, entre elas a fragilidade dos modelos administrativos e a falta de clareza dos objetivos a serem atingidos. A descontinuidade administrativa é hoje um risco a ser considerado em programas institucionais, juntamente com a falta de importância dada aos estudos interdisciplinares em projetos ambientais. A continuidade é fundamental para o desenvolvimento de um modelo que se mostre viável, apesar das instabilidades administrativas e trocas de gestão (RIBEIRO; LIMA, 2000).

Sobre a administração pública, Rüger et al. (2003), destacam que, apesar de alguns governantes terem boas intenções e objetivarem o melhor para a sociedade e o meio ambiente, predomina, na maioria, um alto nível de ineficácia e incompetência que realimenta o sistema com o objetivo de consolidar o baixo padrão operacional em seu próprio benefício. Como exemplo disso tem-se aquelas gestões públicas que iniciam projetos e

programas, principalmente na área social, da saúde ou ambiental, apenas para se promoverem, pois depois de algum tempo, são finalizados sem alcançar resultados satisfatórios.

Na gestão do lixo urbano, as técnicas mais indicadas são as usinas de compostagem, os aterros sanitários e a reciclagem. E para que a utilização destas técnicas promovesse resultados significativos seria necessária uma coleta seletiva que envolvesse toda a população e a levasse a refletir sobre seus hábitos diários, levando em conta não apenas a proteção ambiental, mas também a promoção social e a busca de um desenvolvimento sustentável para o município e toda a nação. Calderoni (1996) afirma que reciclagem é, na sua essência, uma forma de educar e fortalecer nas pessoas o vínculo afetivo com o meio ambiente, despertando o sentimento do poder de cada um para modificar o meio em que vive. Mas vale ressaltar que, antes de se pensar na reciclagem, faz-se necessário uma mudança nos padrões de consumo, de forma que sejam praticados os três R's em sua ordem de prioridade, primeiramente reduzir, posteriormente reutilizar e o restante reciclar.

Campos (2006:2) afirma que “as prefeituras devem tomar uma posição favorável à gestão adequada do lixo, buscando melhoria ambiental e priorizando sua ação junto aos catadores, principalmente onde houver a coleta seletiva informal”, ou seja, aquela em que os catadores vasculham as sacolas de lixo antes da coleta realizada pelo serviço público.

Além das razões ecológicas, os projetos de coleta seletiva justificam-se também sobre um aspecto relevante da economia brasileira, que é o desemprego. A coleta seletiva deve ser utilizada como instrumento para geração de postos de trabalho, absorvendo os “catadores de lixo” dentro de uma atividade mais rentável oferecendo também condições de salubridade controlada. A promoção de parcerias com a sociedade civil, prioritariamente com os catadores de materiais recicláveis, na triagem e comercialização dos resíduos, pode se tornar um meio eficaz para, além de gerar emprego e renda, melhorar a limpeza das cidades com reflexos positivos sobre a qualidade de vida da população.

Em Ipatinga, local onde esta pesquisa foi realizada, a coleta seletiva de lixo vem sendo iniciada através do programa denominado “Lixo no Capricho”⁵. A cidade possui dois aterros sanitários, um que já não é mais utilizado devido à sua vida útil ter se esgotado e outro recém construído, utilizado no momento, onde, todos os tipos de resíduos são aterrados. De acordo com a Prefeitura Municipal, o serviço de limpeza atende à cidade como um todo, inclusive à zona rural, com a coleta de lixo domiciliar, comercial, hospitalar, público, entulhos e outros resíduos. Nos bairros, a coleta é feita a cada dois dias obedecendo a um calendário elaborado por técnicos do Departamento de Limpeza Urbana.

Segundo dados fornecidos pela Queiroz Galvão, concessionária do serviço de limpeza urbana de Ipatinga-MG, chegam ao aterro sanitário, mensalmente, cerca de 3600 toneladas de resíduos. A empresa afirmou que houve uma redução significativa no volume de lixo nos últimos quatro anos, cerca de 20 a 30%. Ela acredita que isso se deve à atuação dos catadores de materiais recicláveis que, com sua atividade, estão evitando que um volume significativo de resíduos seja aterrado e sim reciclado.

Quanto aos catadores, há muitos trabalhando diariamente nas ruas da cidade. De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Ipatinga (Departamento de Limpeza Urbana) estima-se que, no município, exerçam essa atividade cerca de 250 pessoas que, com seus carrinhos ou bicicletas de carga, recolhem diariamente materiais recicláveis para obtenção de renda, trabalhando em mínimas condições de salubridade e conforto. E o que se pode perceber é que o número destas parece aumentar cada dia, indicando falta de qualificação profissional e desemprego no município, realidade semelhante à do restante do País.

No Brasil, resta para um grande contingente da população apenas esta alternativa, ou seja, a coleta de materiais recicláveis. Retrato da exclusão social da nação, o trabalho com o lixo pelos catadores é capaz de ajudar a promover a subsistência de milhares de famílias e exercer um papel muito

⁵ O programa “Lixo no Capricho” foi lançado em 01/03/2007, época em que a dissertação estava sendo escrita. Tem como objetivo reciclar o lixo do município e conscientizar a população quanto à necessidade de preservação do meio ambiente.

importante na questão ambiental. Contudo, esta é uma atividade estigmatizada devido ao envolvimento com um material descartado e do qual todos querem se livrar, fazendo com que a figura do catador seja também associada ao próprio lixo.

É diante desse contexto que esse estudo se situa, buscando focalizar esse personagem marginal, de múltiplas caras, mas cuja imagem é marcada pela atividade que exerce. Num cenário de vulnerabilidade e exclusão social, tendo o lixo como principal meio de sobrevivência, algumas questões se colocam: Como os catadores que trabalham diretamente nas ruas vêem o lixo e a atividade na qual estão inseridos? Quais suas expectativas de futuro? Será que os mesmos têm consciência da importância da atividade desenvolvida em relação à questão ambiental?

Estes questionamentos práticos levaram à proposição desta pesquisa, voltada para a questão dos catadores que trabalham coletando materiais recicláveis nas ruas de Ipatinga-MG. Desta forma, o propósito do presente trabalho é responder às questões anteriores, de forma a analisar o trabalho com o lixo e suas implicações no cotidiano dos catadores.

De forma geral objetivou-se identificar e analisar as representações sociais do catador de materiais recicláveis do município de Ipatinga acerca do lixo e questões a ele relacionadas.

Especificamente buscou-se:

- Identificar o perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis.
- Conhecer a rotina do catador de materiais recicláveis.
- Identificar e analisar as representações sociais do catador acerca do lixo e de sua atividade com o mesmo.
- Analisar as representações do catador quanto às perspectivas de futuro.
- Verificar se o catador tem consciência da importância de seu trabalho enquanto fator que contribui para a proteção ambiental.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro deles apresenta a fundamentação teórica, buscando articular discussões que situam o lixo e a atividade com o mesmo no contexto da questão ambiental e da sustentabilidade. Recorre à apresentação sintética da Teoria das Representações Sociais, fundamental à proposição investigativa deste trabalho. No segundo capítulo se encontram os procedimentos metodológicos. O cotidiano e o trabalho dos catadores são apresentados no capítulo três. Finalmente, o quarto capítulo apresenta as representações sociais dos catadores acerca do lixo, da atividade de catação, de suas perspectivas de futuro e da relação entre a atividade de coleta de materiais recicláveis e a proteção ambiental.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo proposto teve como foco a questão da atividade com o lixo sob a ótica do catador de materiais recicláveis. Para tanto, recorreu-se a uma fundamentação teórica que possibilitasse entender o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões. Assim, buscou-se articular discussões que situam o lixo e a atividade com o mesmo no contexto da questão ambiental e da sustentabilidade. Assim, foram apresentadas perspectivas de diferentes autores acerca desses tópicos e da Teoria das Representações Sociais, assim como sua importância para esta pesquisa.

A problemática dos resíduos sólidos vem despertando um interesse crescente da sociedade brasileira, principalmente nos últimos anos. Novos e velhos lixos, produção que se avoluma e destino final, coleta seletiva, educação ambiental, indústria de reciclagem – vários são os âmbitos das discussões atuais – pondo em destaque, em última análise, uma questão polêmica: a relação da sociedade com suas supostas sobras, sobras materiais e “sobras humanas” (JUNCA, 2004).

1.1. O lixo no contexto das discussões acerca da sustentabilidade

Griffith (2005) afirma que a problemática ambiental é consequência de uma ruptura na relação homem/ natureza, causada, em grande parte, pela capacidade lingüística do ser humano. Segundo essa visão, ele é capaz de transcender por meio de representações simbólicas as reações instintivas e

outros comportamentos espontâneos dos seres não humanos, o que lhe permite manipular também a natureza.

Vive-se hoje uma crise civilizacional e ambiental. Alguns estudiosos afirmam que a crise é a um só tempo, generalizada e global – os sistemas naturais que sustentam a vida de uma população crescente no planeta encontram-se precários, marcados pelo atual estilo de desenvolvimento. Esta ordem econômica mundial, caracterizada pela produção e consumo crescentes, esgota e contamina os recursos naturais e leva a um questionamento profundo sobre o modo de produção industrial contemporâneo (ZACARIAS, 2000).

Munhoz (2000) explica que o modo como se dá o crescimento econômico, comprometendo o meio ambiente, seguramente prejudica o próprio crescimento, pois inviabiliza um dos fatores de produção: o capital natural. A degradação ou destruição de um ecossistema compromete a qualidade de vida da sociedade, pois reduz os fluxos de bens e serviços que a natureza pode oferecer à humanidade. Durante décadas estabelece-se um modelo de desenvolvimento baseado na exploração intensiva dos recursos naturais para geração de alimentos e bens de consumo. Atualmente o homem dispõe de mecanismos altamente sofisticados para explorar os recursos ambientais, cuja velocidade de exploração, em alguns casos, não permite mais o equilíbrio ecológico natural e, como consequência, tem-se os grandes impactos ambientais de hoje.

Brügger (1994) afirma que, nos últimos vinte ou trinta anos, não só as camadas mais pobres da população têm sido afetadas pelas consequências da relação do homem com a natureza e dos homens entre si. Intimamente associadas a esse contexto de problemas ambientais, de luta por uma hegemonia e das relações homem-homem e homem-natureza, encontram-se duas formas de ação e conscientização – o movimento ecológico e a educação ambiental – buscando atingir a sustentabilidade. Nesse contexto, Sirkis (2003) ressalta que atingir o objetivo de uma sociedade sustentável não é uma meta utópica, ela depende apenas de uma série de ações, que o autor acredita serem perfeitamente alcançáveis, ainda que, muitas vezes, fortes barreiras culturais, políticas e econômicas sejam entraves. Depende

também de condicionantes de macroeconomia internacionais e nacionais, pois é difícil conceber a sustentabilidade no atual contexto de crise econômica e social com desemprego em massa, recessão, etc.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (2002), a sustentabilidade, de forma abrangente, deve ser alcançada através de envolvimento das dimensões ambientais que incluem influências sócio-econômicas, culturais, político-institucionais e a própria capacidade física e biológica da Terra. Isso significa a necessidade de articulação de políticas e programas de vários setores da administração e vários níveis de governo, com envolvimento do legislativo e da comunidade local; garantia de recursos e continuidade das ações, identificação de tecnologias e soluções adequadas a cada realidade.

Sabe-se que as cidades têm experimentado um rápido crescimento populacional e econômico ocasionando uma produção de resíduos sólidos em grandes quantidades, o que dificulta seu tratamento e destinação adequada. A questão do lixo urbano é hoje um dos maiores desafios a serem resolvidos pela sociedade moderna, resultante de um modelo de desenvolvimento e de cultura, que gerou um estilo de vida, cujos padrão e conforto basearam-se no excesso de consumo e de desperdício inconseqüente. Tal situação é agravada pela visão da natureza como fonte inesgotável de recursos com capacidade ilimitada de absorver resíduos (SANTOS, 2000).

O lixo existe desde quando os homens começaram a se agrupar e a viver em cidades. A reunião de pessoas num mesmo local ocasionou a produção de uma quantidade razoável de resíduos sólidos. O fato de, no início, não se saber ao certo como lidar com o lixo permitiu uma disposição desordenada e sem controle do mesmo, o que contribuiu para o desenvolvimento de grandes epidemias na Europa, no período da Idade Média. A ocorrência dessas doenças deu origem ao hábito de se depositar o lixo fora das chamadas áreas urbanas e aos primeiros projetos de saneamento básico, em cidades, como Paris, Bruxelas, dentre outras (GONÇALVES; ABEGÃO, 2006).

O termo lixo é largamente utilizado para se referir à sujeira, a coisas sem utilidade ou sem qualquer importância, da qual muitas vezes as pessoas sentem nojo e até repugnância. O Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2001: p.430) define lixo como: “o que se varre da casa, da rua e se joga fora; entulho; coisa imprestável”. Mas Pereira Neto (1999: p.9) propõe um significado mais amplo para este termo, considerando o lixo como “uma massa heterogênea de resíduos sólidos, resultante das atividades humanas, os quais podem ser reciclados e parcialmente utilizados, gerando, entre outros benefícios, economia de energia e de recursos naturais”.

Vieira (2000), afirma que o lixo é o grande responsável pela poluição visual, proliferação de vetores de doenças, mau cheiro e desperdício de matéria prima e energia. No entanto, este desperdício ocorre em função de uma falta de consciência de que muito do que é jogado fora poderia ser reutilizado, reaproveitado ou reciclado. O desperdício de alimentos é bastante preocupante, sendo que o lixo doméstico é o que mais contribui para o aumento dos rejeitos. O aumento do lixo causa vários problemas que vão desde o tratamento inadequado dele, riscos para a saúde e para o meio ambiente.

Segundo a Agenda 21⁶ (1992), estima-se que, no âmbito mundial, cerca de 5,2 milhões de pessoas (incluindo 4 milhões de crianças) morrem anualmente em decorrência de doenças relacionadas ao lixo.

Pode-se salientar a questão do lixo urbano como um dos mais graves problemas ambientais contemporâneos. Pereira Neto (1999) destaca que a exploração dos recursos naturais incentiva, entre tantas outras coisas, a fabricação de bens de consumo de curta vida útil. Além de explorar intensivamente os recursos naturais, o que já cria sérios problemas ambientais, o homem ainda devolve para o meio ambiente todos os resíduos oriundos dessa exploração, do transporte, do beneficiamento e da fabricação

⁶ A Agenda 21 é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Foi construída de forma consensuada, com a contribuição de governos e instituições da sociedade civil de 179 países, em um processo que durou dois anos e culminou com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), no Rio de Janeiro, em 1992, também conhecida por Rio 92.

de produtos para consumo. O modelo de desenvolvimento industrial promove a extração de recursos naturais e tem lançado no mercado, nos últimos trinta anos, produtos altamente sofisticados, cuja composição dificulta ou inibe sua degradação natural. Muitos desses produtos, quando atacados por ácidos ou fogo, liberam substâncias altamente tóxicas e letais para os seres vivos.

Isto está de acordo com Kuhnen (1995), quando afirma que a Era Industrial tem se caracterizado pela cisão entre os ciclos ecológico e o econômico. A produção industrial trouxe resíduos de transformação muito lenta de elementos descartáveis ou não degradáveis que provocam situações difíceis de resolver no tocante à coleta, eliminação e destino final destes materiais. As profundas transformações nos componentes do lixo doméstico, novos elementos como metais, plásticos, sobretudo inorgânicos recentemente inseridos no "menu" do lixo tem dado um caráter artificial, que torna ainda mais difícil o seu tratamento.

Nóbrega (2005) afirma que as discussões em torno da problemática da produção e destinação dos resíduos sólidos têm sido norteadas, sobretudo, por análises conjunturais sobre o modelo de desenvolvimento baseado na exploração intensiva dos recursos naturais para geração de alimentos e bens de consumo. Equilibrar um dos binômios contraditórios da sociedade contemporânea, o de garantir recursos naturais e adequar a destinação dos resíduos ao modelo de desenvolvimento sem provocar transtornos ecológicos, tem sido um grande desafio. Os resíduos urbanos tornaram-se um tema extremamente significativo, que obriga a refletir sobre a nossa postura diante da natureza. Indicam a forma como gerenciamos os recursos disponíveis no nosso cotidiano. O entendimento da questão dos resíduos enquanto problema cultural apresenta uma saída para se pensar a problemática além das questões técnicas, de modo a contribuir com uma leitura mais apurada da realidade.

Mas o que deve ser feito com todo o lixo existente? A falta de áreas para aterros sanitários e a crescente resistência da população em concordar a esta forma de destino final, é presente em muitas sociedades. Não se pode eliminar os dejetos como um todo. É necessário conhecer suas

propriedades para orientarmos a população em direção a via de eliminação apropriada. A produção de resíduos está muito vinculada a padrões culturais de consumo, e existem diversas soluções, embora o objetivo devesse ser o mesmo, ou seja, evitar danos ambientais e deterioração da qualidade de vida.

O lixo é o componente característico de uma cultura individualista, na qual o indivíduo vê nos objetos possuídos e consumidos o sentido de sua própria identidade, tendo como princípio o pleno poder de uso e destino das coisas consumidas transitoriamente. Nesse sentido, pode-se dizer que o lixo e seu destino resultam de uma dinâmica de matéria e energia, no processo de relação da sociedade com a natureza e dos homens entre si, mediada pelo trabalho, que retrata um processo cultural de aprendizagem e um nível de consciência coletiva. Assim, o lixo tem existência material e objetiva como algo desvalorizado, que deve ser descartado e afastado da presença de todos (SANTOS, 2000).

“O lixo produzido nos dias de hoje traz em si sinais concretos da existência de uma cultura de descartabilidade. Ele é composto por representações, objetos e produtos dos mais variados, que se configuram como restos de uma ideologia que prima pelo consumo desenfreado e instantâneo, pela invenção daquilo que tem serventia para o dia de hoje, mas que provavelmente não terá utilidade alguma para um futuro bem próximo” (GONÇALVES E ABEGÃO, 2006:2).

No Brasil, como já mencionado anteriormente, os lixões são a forma mais comum de disposição do lixo. Buarque (2001) sugere uma definição bem aproximada do que vêm a ser os lixões da sociedade contemporânea: os lixões são depósitos de lixos existentes nas grandes cidades onde homens, mulheres e crianças vivem e lutam desesperadamente entre si para encontrar restos para comer ou vender. Tanto o lixo como os que dele vivem, nos lixões, são produtos nitidamente originados pela modernidade, cujos consumidores tendem a produzir um excesso de lixo e a concentração de renda resulta em um excesso de pobres.

Santos (2000) afirma ainda que, a maior parte dos problemas da cidade em relação aos resíduos sólidos se torna mais difícil de ser

solucionada devido ao descaso do poder público, faltando, muitas vezes, decisão dos administradores para solucionar problemas vicejantes. A resolução dos problemas ambientais exige que o poder público e a população conheçam suas causas e não somente os seus efeitos. É preciso também construir valores de cuidados com o meio ambiente e uma reflexão sobre os modos de vida das pessoas, no que se refere à quantidade e à qualidade do lixo que produzem e à maneira de descartá-lo.

Vlek (2002) afirma que, mudar os impactos ambientais coletivos de negativos para positivos requer modificação nos padrões de comportamento humano, o que pode exigir mudanças nas necessidades, valores e crenças das pessoas. Isso não é fácil e requer esforços integrados de diferentes setores. Para este autor, são várias as razões pelas quais as pessoas tendem a não reconhecer um problema comum a todas: porque elas não estão cientes de qualquer dano coletivo, não se dão conta de sua própria responsabilidade por problemas coletivos, não acham que o risco coletivo de longo prazo é suficientemente sério em relação aos inúmeros benefícios a curto prazo ou porque sabem que há um risco coletivo, mas acham que pouco pode ser feito a respeito (devido à falta de alternativas viáveis ou falta de confiança na cooperação dos outros).

Como afirma Kuhnen (1995), a coleta seletiva se constitui num processo de valorização dos resíduos selecionados e classificados na própria fonte geradora, visando seu aproveitamento e reintrodução no ciclo produtivo. Ao invés de simplesmente eliminá-los, passa-se a valorizá-los, reciclando-os. A coleta seletiva tem sido uma alternativa que as administrações utilizam para amenizar o volume dos resíduos a serem dispostos nos aterros, mas é de fundamental importância que os programas sejam avaliados das mais diferentes formas para que assim possam contribuir para o aprimoramento e eficácia, assim como estimular a implantação de futuros sistemas de limpeza urbana. A análise do sistema deve ser feita tanto no nível de produção quanto no de participação da população para que se possa alcançar os objetivos da coleta seletiva.

Vale ressaltar aqui a importância dos projetos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos como uma das formas de solucionar os problemas

ambientais e sociais ocasionados pela grande produção do lixo urbano e falta de sua destinação adequada. Estes programas devem ser implementados pela administração municipal que, no Brasil, tem que se responsabilizar por estas ações. Gestão Integrada de Resíduos Sólidos é “a maneira de conceber, implementar e administrar sistemas de limpeza pública, considerando uma ampla participação dos setores da sociedade e tendo como perspectiva contribuir para o desenvolvimento sustentável” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2002).

Rino e Venturini (2006) destacam que, com a coleta seletiva é possível realizar a preservação dos recursos naturais, estimular a cidadania e melhorar a qualidade do material reciclável. A coleta seletiva é um instrumento valioso de valorização social e serve para afastar as pessoas dos lixões, especialmente as crianças, no momento em que os governos, os cidadãos e o próprio Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF voltam seus esforços para erradicar o trabalho infantil.

Para Kuhnen (1995), os programas de reciclagem, em especial os que implicam na separação dos resíduos domésticos, como parte de seu projeto educativo, podem mostrar o volume e os tipos de resíduos gerados. O resultado deveria ser a redução do volume de materiais que entram e saem da economia, evitando, deste modo, os custos que representam para o meio ambiente em termos de processamento de matérias virgens e da eliminação dos resíduos. Existem tratamentos indicados que consistem numa lista de opções por ordem de prioridades, ou seja; evitar a geração de resíduos, reutilizar os produtos, reciclagem, incineração e aterros sanitários.

Griffith (2005) convida a repensar a reciclagem por um outro ângulo, onde pode estar sendo utilizada como uma tática de discurso ambiental empresarial de racionalização econômica. Sob essa ótica, campanhas de reciclagem seriam incentivadas pelo setor privado para que as pessoas se sintam menos pressionadas para redução no consumo. Segundo esse mesmo autor, deveria ocorrer, ao se pensar na reciclagem, uma mudança complementar nos padrões de consumo e comportamento. Porque, além de repensar os níveis necessários de consumo, é importante minimizar a exclusão social das pessoas sem acesso a bens necessários à sua

sobrevivência. Sobre isso, JUNCÁ (2004) também afirma que a reciclagem não é uma solução automática para a questão do lixo e se ela se tornar o centro das atenções, a redução nos padrões de produção e consumo pode ser deixada de lado.

Conforme Vieira (2000), a educação ambiental visa modificar as relações entre a sociedade e a natureza, a fim de melhorar a qualidade de vida, propondo a transformação do sistema produtivo e do consumismo em uma sociedade baseada na solidariedade, afetividade e cooperação, ou seja, visando a justa distribuição de seus recursos entre todos. Sendo assim, para viver o cotidiano de maneira coerente com os ideais de uma sociedade sustentável e democrática, é preciso uma educação que repense velhas fórmulas de vida, propondo ações concretas para transformar o comportamento desta, seja em casa, na rua, no trabalho e na escola. Pois, se não houver uma postura e uma consciência ambiental, reparando os danos causados ao meio ambiente e evitando outros, a continuidade e a qualidade de vida estarão comprometidas.

1.2. Os catadores de materiais recicláveis no cenário da vulnerabilidade e exclusão social

A pobreza, a miséria e a falta de perspectiva de meios que vislumbrem a melhoria da qualidade de vida, impõem às pessoas uma luta desigual e desumana pela sobrevivência. Petrini (2003) afirma que à medida que a família encontra dificuldades para cumprir satisfatoriamente suas tarefas básicas de socialização e de amparo ou serviços aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade. A situação de vulnerabilidade social da família se encontra diretamente ligada à miséria estrutural, agravada pela crise econômica que lança o homem ou a mulher ao desemprego ou subemprego (GOMES; PEREIRA, 2005).

A partir dos anos 90, a categoria exclusão social tornou-se tema relevante no meio acadêmico e governamental nas mais diferentes sociedades mundiais, sinalizando o destino excludente de parcelas majoritárias da população mundial, seja pelas restrições impostas pelas

transformações do mundo do trabalho, seja por situações decorrentes de modelos e estruturas econômicas que geram desigualdades sociais (GONÇALVES, 2004).

Problematizar a exclusão social em relação aos catadores de materiais recicláveis se faz necessário para ampliação das discussões acerca da realidade de inúmeras famílias que se inserem nesse contexto, no sentido de contribuir para a visibilidade desse segmento social, que demanda por ações que visem transformação de sua realidade, tornando-a mais justa e igualitária. Como resultado, é possível uma valorização dessas pessoas nos espaços sociais, culturais e políticos em que vivem (SCARIOT; ACKER, 2004).

Nascimento *apud* Bursztyn (2000), destaca que o termo “exclusão social” tornou-se moeda comum para designar toda e qualquer forma de marginalização, discriminação, desqualificação, estigmatização ou mesmo de pobreza. Sua base encontra-se nos anos 80, como categoria analítica oriunda da França e usada inicialmente no Brasil pelo Professor Cristovam Buarque, ex-Ministro da Educação.

O conceito de exclusão social, como tantos outros nas Ciências Sociais, carece ainda de uma definição mais precisa. No caso, o conceito aglutina problemas da pobreza de forma a entender os processos que criam, preservam ou mesmo agravam esta condição. Nesse esforço, os estudiosos optam por “exclusão” como o conceito que ajudaria a ir além da radiografia propiciada pelos diagnósticos tradicionais de pobreza que constituíram por longo tempo o cânone. Sugerem também conceitos que trazem implícita a problemática da desigualdade, já que os excluídos só o são pelo fato de estarem privados de algo que outros - os incluídos - usufruem (REIS; SCHWARTZMAN, 2007). Sendo assim, serão abordados aqui alguns conceitos e discussões de diferentes autores sobre o tema.

A exclusão social caracteriza-se por um conjunto de fenômenos que se configuram no campo alargado das relações sociais contemporâneas: o desemprego estrutural, a precarização do trabalho, a desumanização do outro, a anulação da alteridade, a fome, a violência, a falta de acesso a bens

e serviços, à segurança, à justiça e à cidadania, dentre outros (LOPES, 2006).

Adametes (2004) afirma que exclusão é vivência que ultrapassa – redefinidos os conceitos de satisfação das necessidades básicas – o acesso aos bens materiais; que produz experiências, práticas que atravessam as esferas sociais nas relações do homem em seus espaços. Para além dos limites da pobreza e precariedade, a exclusão faz parte de um movimento de não inclusão, de apartação, de negação histórica e cultural de criar interdições. Revela-se com ela um sentido humano atado enquanto restringe potências e encerra possibilidades, além disso, forte é o resultado do seu impacto em vidas incluídas na condição de exclusão.

Sposatti (1996) destaca que a exclusão é uma impossibilidade de poder partilhar, o que leva à privação, à recusa, ao abandono e à expulsão de um conjunto significativo da população. Trata-se de uma exclusão social e não pessoal, consequência de uma construção social de normas e comportamentos considerados com aceitáveis nas relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade.

A exclusão social pode ser compreendida ainda como um processo de apartação social, pelo qual se considera o outro como um ser "à parte", ou seja, um fenômeno de separar o outro, não apenas como um desigual, mas como um "não-semelhante", um ser expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços, etc., mas do gênero humano. É, portanto, uma forma contundente de intolerância social (BUARQUE, 1993a).

De forma geral, a exclusão social pode ser definida como um processo caracterizado pelo recalcamento de grupos sociais em diversas instâncias da vida social, com profundo impacto na pessoa humana, em sua individualidade. No decorrer da história brasileira, grupos sociais estão sempre, de uma maneira ou outra, excluídos de situações ou instâncias. Exclusão é "estar fora", à margem, sem possibilidade de participação, seja na vida social como um todo, seja em algum de seus aspectos (CONTEÚDO ESCOLA, 2007).

Sabe-se que, no Brasil, a realidade da exclusão social, fortemente associada à pobreza - em quaisquer de suas instâncias, ou em todas - vem se agravando em termos de quantidade e intensidade, pois é cada vez maior o número de desvalidos, e cada vez mais pessoas vivem abaixo da linha da miséria. Nesse contexto, vale destacar a definição do termo “pobreza” proposto pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2007):

“Um fenômeno amplo que se refere à estrutura de bem-estar e de participação no cotidiano social e engloba diversos elementos, não somente relacionados à falta de recursos como a desigualdade na distribuição de renda, mas também a vulnerabilidade, a exclusão social, a violência, a discriminação, a ausência de dignidade, etc.”.

Inseridos no grupo dos excluídos brasileiros estão os catadores de materiais recicláveis ou lixo, trabalhando sob condições precárias e forte estigma. Para Barros, Sales e Nogueira (2002), catar lixo é uma atividade excludente pelo tipo e pelas condições de trabalho. Afirmam ainda que a mídia, alguns estudiosos e instituições de diversos setores destacam a catação como possibilidade de inclusão social de uma parcela de trabalhadores. Destacam também que essa atividade realmente pode e deve ser uma forma de inclusão social, desde que se organize esse ofício de forma a proporcionar ao catador condições dignas de trabalho e remuneração.

Medeiros e Macêdo (2006) ressaltam que por trás de formas aparentes de inclusão social existem formas sutis de exclusão que conduzem à inclusão perversa. Afirmam isso porque têm observado, através de suas pesquisas, que o trabalho de catação, da forma como é realizado, é quase sempre desfavorável ao trabalhador. Conforme se sabe, este é exposto a riscos à saúde, a preconceitos sociais e à ausência de direitos trabalhistas, condições extremamente injustas, tanto no que se refere à informalidade quanto à remuneração.

Cabe dizer, portanto, que a idéia de exclusão social supõe uma lógica que preside um padrão de relações em uma sociedade que, ao mesmo

tempo, inclui e exclui por meio de um conjunto de valores que a orienta (SPOSATTI, 2002).

1.3. A “profissão” de catador

A figura do catador de materiais recicláveis não é nova no cenário da questão dos resíduos sólidos ou do lixo no cenário brasileiro. Trata-se de uma atividade antiga, mas que vem se expandindo ao longo dos anos constituindo-se como possível mercado de trabalho, em relação direta com a grande quantidade e qualidade de resíduos sólidos produzidos no país. Selecionando e catando materiais recicláveis, homens e mulheres exercem uma atividade que constitui o primeiro elo do circuito econômico que gira em torno da reciclagem. Contudo, somente em 2002 a ocupação catador de material reciclável foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, cabendo a esse profissional: catar, selecionar e vender materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. Tais atividades podem ser desenvolvidas de formas e em locais diferenciados. Isto significa dizer que existem por exemplo, trabalhadores autônomos e os que se acham subordinados formal ou informalmente a uma estrutura de trabalho. Da mesma forma, existem os que estão nas ruas, em lixões, galpões, cooperativas ou associações. Sua remuneração é definida a partir do volume do material coletado e vendido aos intermediários, para a posterior revenda as grandes empresas de todo o país (GONÇALVES, 2004).

Segundo dados do Compromisso Empresarial para Reciclagem – CEMPRE, em 2000, o número de pessoas catando lixo em todo o País era de aproximadamente 200.000. Em 2006, Madeiros e Macêdo afirmaram que a estimativa é a de que o número de catadores tenha aumentado para aproximadamente 500.000.

A maioria das cidades brasileiras convive hoje com inúmeros problemas provocados pelas freqüentes crises econômicas e políticas. Nas últimas décadas, com a queda na oferta de postos de trabalho, o número de pessoas que passaram a ocupar as ruas e delas retirar seu sustento

começou a crescer. A atividade de catar papéis e material reciclável, começou a agregar um número cada vez maior de homens e mulheres que passaram a fazer parte dessa “economia marginal” da cidade. (KEMP et al, 2004)

Gonçalves e Abegão (2006) afirmam que a atividade da catação de lixo se iniciou exatamente a partir da coleta desse tipo de resíduo. Logicamente, o catador recolhia o lixo independente de uma separação prévia do mesmo. Antes que o caminhão passasse para recolher o lixo deixado na calçada, catadores se antecipavam na coleta do material. Essas pessoas, em geral, tinham um histórico de vida ligado a condições de extrema pauperização. Viviam nas ruas ou catavam lixo pela situação de desemprego, precarização dos laços primários etc., e não possuíam outra forma de obter recursos senão os da coleta de lixo. No Rio de Janeiro, por exemplo, relatos afirmam que a atividade de catação de lixo por parte dos catadores iniciou-se unicamente pela necessidade de obtenção de recursos para a sobrevivência. De fato, essa atividade nasceu antes mesmo de uma discussão mais intensa em torno da possibilidade da reciclagem de materiais. Assim se iniciou a atividade de coleta de lixo pelos catadores e, de certa forma, a coleta seletiva também. A figura do catador como aquele que recicla materiais reaproveitáveis lembra os garrafeiros, senhores, em sua maioria portugueses, que saiam pelas ruas do Rio de Janeiro da década de 60 com suas carroças, comprando garrafas, metais etc. Nesse sentido, também tinham uma função bastante semelhante àquela dos catadores que conhecemos hoje, já que com a coleta que faziam reduziam a quantidade de lixo a ser recolhido e posteriormente depositado nos lixões.

Com o passar do tempo, o lixo deixou de ser interessante apenas para os catadores. Empresas, sucateiros e atravessadores passaram a comercializar muitos dos objetos achados no lixo. Esse comércio foi se tornando lucrativo. Materiais, como papel branco, latas de alumínio, papelão, plástico etc., enfim, materiais recicláveis, foram sendo amplamente coletados pelos catadores, que vendiam sua produção para os sucateiros, que tinham como objetivo vender para grandes empresas e centros de reciclagem. O comércio de materiais recicláveis se expandiu a ponto de

construir uma cadeia de produção, formada por diferentes elementos (GONÇALVES; ABEGÃO, 2006).

Segundo pesquisa efetuada pelo Fórum Nacional Lixo e Cidadania e UNICEF (2000) pode-se dizer que há pessoas trabalhando como catadoras em 69% das cidades brasileiras, fazendo coleta seletiva de papel, plástico, papelão, vidro, alumínio e metais.

A inexistência da parceria entre catadores e poder público acaba por comprometer a possibilidade de ações conjuntas, que só tendem a favorecer a comunidade local, ao próprio poder público e aos catadores. Além disso, o não estabelecimento da parceria pode até mesmo onerar os custos do poder público na coleta seletiva de lixo. Geralmente, o catador separa os materiais recicláveis com muito mais cuidado, livrando-os das impurezas indesejáveis. Esta ausência de parceria entre o poder público e os catadores tende a gerar conflitos constantes entre as duas partes e grandes prejuízos principalmente para os catadores. Tais conflitos são observados quando há uma desocupação obrigatória dos lixões ou quando se pretende concretizar a construção de um aterro sanitário. Pela ausência de diálogo e desatenção à rede informal de comércio criada pelos catadores, o fechamento do lixão ou a construção de um aterro podem significar a perda de acesso aos únicos recursos com os quais essas pessoas sobrevivem (GONÇALVES; ABEGÃO, 2006).

Em setembro de 2003 foi criado o Comitê Interministerial da Inclusão Social dos Catadores de Lixo, visando garantir condições dignas de vida e trabalho à população catadora de lixo e apoiar a gestão e destinação adequada de resíduos sólidos nos Municípios. Foi um passo importante, certamente, mas ainda quase insignificante diante deste contexto de exclusão social. Medeiros e Macêdo (2006) afirmam que o trabalho de catação é quase sempre desfavorável ao trabalhador, além de todas as dificuldades e discriminação, na maioria das vezes, eles não têm acesso à educação e ao aprimoramento técnico.

Para que as ações do poder público ganhem força e se efetivem é necessário que se coloquem em prática os princípios básicos da justiça ambiental, que para Bullard *apud* Acserald (2004) é a condição de existência

social configurada através da busca do tratamento justo e do envolvimento significativo das pessoas, independentemente de sua raça, cor, origem ou renda no que diz respeito à elaboração, desenvolvimento, implementação e reforço de políticas, leis e regulações ambientais.

Assim, pode-se dizer que com uma real mudança de valores e paradigmas individuais e coletivos, obtidos, principalmente, através da educação ambiental, de campanhas sócio-ambientais e da alteração da imagem da profissão do catador, são possíveis a justiça ambiental, a promoção social, a geração de renda e a proteção do meio ambiente.

1.4. Representações sociais: teoria e apropriações

A questão de como o ser humano representa o mundo vem fazendo parte das grandes discussões nas últimas décadas. Diversas correntes teóricas das Ciências Humanas e Sociais têm buscado compreender como se elabora ou se concebe o fenômeno das representações. Encontramos, na maioria delas, a noção de construção do real, ou seja, o caráter generativo do conhecimento cotidiano, que exige uma análise dos atos de comunicação e da interação entre indivíduos ou mesmo grupos e instituições. A essa comunicação é creditado o papel de mecanismo através do qual se transmite, cria e objetiva a realidade. Entra em jogo aí um processo psicológico que mediatiza a relação indivíduo/meio, processo este entendido como essencialmente representativo (NÓBREGA, 2005).

Reigota (1995) destaca que, nas Ciências Sociais, o estudo das representações sociais remonta ao século passado, tendo como um dos marcos fundamentais o trabalho desenvolvido por Durkheim. Ele procurou discutir a importância das representações dentro de uma coletividade e como elas influem nas decisões que os seres humanos tomam individualmente. O autor afirma também que até a década de 90 poucos trabalhos no Brasil haviam sido fundamentados nas representações sociais, apesar do grande interesse que vem despertando principalmente na nova geração de pesquisadores.

Assim, vale destacar que, a Teoria das Representações Sociais centra seu olhar sobre a relação entre sujeito-objeto, e, ao fazer isso, ela recupera um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo quanto a si mesmo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram sua base na realidade social (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2002).

Silva (1998) afirma que, em 1961, Serge Moscovici iniciou importantes estudos sobre representações sociais, principalmente na área da Psicanálise. Moscovici buscou abrigo principalmente no conceito de representações coletivas de Durkheim, mas acreditava que esse conceito não conseguia explicar as relações informais, cotidianas e dinâmicas nas sociedades contemporâneas, uma vez que o modelo que fundamentava a concepção durkheimiana era o de uma sociedade tradicional. Sobre isso, Guareschi e Jovchelovitch (2002) destacam que Moscovici preserva o termo “representação”, mas, a noção de “coletivo”, de conotação mais cultural, estática e positivista, é substituída por “social”: surgindo aí o conceito de representações sociais.

Ao substituir representações coletivas por representações sociais, Moscovici estava modernizando a Ciência Social, pois, as sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem, havendo poucas representações, nos dias de hoje, que são verdadeiramente coletivas (FARR, 2002). Reigota (1995) destaca o conceito de representação social proposto por Moscovici em 1976: “É o senso comum que se tem sobre determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas das pessoas”.

As representações sociais têm sempre um caráter intencional, são sempre referenciais a um objeto particular, sendo sempre representações de alguma coisa, o que exclui a possibilidade de existência de representações sociais genéricas. Também é importante especificar que não são socialmente indiferenciadas, estando vinculadas a alguém ou a algum grupo que as elabora (NÓBREGA, 2005). Farr (2002) destaca que, as representações sociais estão presentes tanto “no mundo” como “na mente” e

que elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos. Para ele só vale a pena estudar uma representação social se esta for relativamente difundida dentro da cultura em que o estudo é realizado, pois o indivíduo tanto é agente de mudança na sociedade como é produto da mesma. Jovchelovitch (2002) ressalta que a representação é um reflexo do mundo externo na mente, ou uma marca mental que se reproduz no mundo externo.

Para Spink (1995), as representações sociais acontecem em todas as ocasiões e lugares onde as pessoas se encontram informalmente e se comunicam, ou seja, em escolas, supermercados, bares, padarias, nas filas de bancos, ônibus, dentre outros. Essas representações fazem parte da vida em sociedade. Minayo (2002) acredita que as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas, se institucionalizando. Portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e interação social. Mesmo sabendo que ela traduz um pensamento fragmentário e se limita a certos aspectos da experiência existencial, frequentemente contraditória, possui graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade. Para ela, a realidade vivida é também representada e através desta os atores sociais se movem, constroem sua vida e explicam-na mediante seu estoque de conhecimentos.

Madeira e Pessoa (2003) destacam a importante afirmação de Abric, de que o sucesso da Teoria das Representações Sociais está relacionado a uma nova visão de mundo, renovando o interesse geral pelos fenômenos e especialmente pelas regras que regem o pensamento social. Assim, a visão de mundo que os indivíduos têm e que utilizam para agir ou tomar posição é indispensável para entender o processo das interações sociais e os determinantes das práticas sociais.

Segundo Reigota (1995) nas representações sociais pode-se encontrar também os conceitos científicos da forma que foram aprendidos e internalizados pelas pessoas. O autor exemplifica bem esta questão quando, após citar diferentes definições para o termo “meio ambiente” colocadas por ecólogos, geógrafos e dicionários da área de Ecologia e de Psicologia. Ele

afirma que estas definições indicam que não existe um consenso sobre significado de meio ambiente na comunidade científica em geral, supondo que o mesmo deve ocorrer fora dela.

De acordo com Spink (2002, p. 118) “as representações sociais são formas de conhecimento prático e inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum”. Esta mesma autora acredita que, quando a diversidade e o processo de elaboração são privilegiados, abre-se então a possibilidade de trabalhar com estudos de caso, pois, como afirmou Vigotsky (1978) “o indivíduo é sempre uma entidade social e, conseqüentemente, um símbolo vivo do grupo que ele representa”.

Nóbrega (2005) acrescenta que, a motivação para a realização de estudos voltados para o conhecimento e análise da realidade, entre eles o das representações sociais, demonstra a preocupação com a qualidade de vida dos indivíduos. Tais pesquisas partem de problemas vivenciados pela população e, entre outras, apontam ações capazes de reverter o atual quadro de degradação ambiental. Oliveira e Werba (1998) acreditam que as representações sociais são um importante instrumental de pesquisa pela abrangência e dinamismo de seu conceito, proporcionando compreensão das diversas dimensões da realidade, sejam física, social, cultural e cognitiva, de forma objetiva e subjetiva. Dessa forma, as representações sociais são produzidas nas relações que os indivíduos estabelecem entre si em determinado grupo social, por meio da integração de seus valores, experiências, informações que circulam no seu meio sobre um objetivo social. Tais representações se manifestam no modo como os sujeitos apreendem a vida cotidiana, ou seja, nos saberes que expressam ao fazer afirmações sobre a realidade e sobre sua interação com os outros.

Os estudos centrados no processo de elaboração das representações objetivam entender a construção de teorias na interface entre explicações cognitivas, investimentos afetivos e demandas concretas derivadas das ações no cotidiano. Tendo em vista também a necessidade de compreensão, nesses estudos, dos conteúdos que circulam nos diferentes

tempos anteriormente definidos – o tempo da interação, o *habitus*⁷ e o imaginário social – a coleta e construção dos dados exige entrevistas semi-estruturadas acopladas a levantamentos paralelos sobre o contexto social que informam os indivíduos enquanto sujeitos sociais. Além disso, a análise deve ser centrada no discurso. Sabe-se que isso é demorado e por esta razão os estudos dessa natureza têm utilizado poucos sujeitos, que, se devidamente contextualizados, tem o poder de representar o grupo no indivíduo (SPINK, 2002).

⁷ O conceito de 'habitus' surge com o sociólogo Pierre Bourdieu. Constitui as experiências passadas, matriz de percepções, apreciações e ações. É inerente a cada ator social e este define-o (WIKIPÉDIA, 2007).

CAPITULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados no estudo, o qual se trata de uma pesquisa qualitativa. Os estudos ancorados nas representações sociais mostram que estas resgatam e valorizam o senso comum, sendo um elo de ligação entre esse e o saber científico. Vale lembrar a afirmação de Demo (1989) de que fazer ciência não é buscar produtos acabados, verdades definidas, mas cultivar um processo de criatividade, marcado pelo diálogo consciente com a realidade social que se quer compreender, também para transformá-la.

2.1. A pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa foi escolhida como perspectiva metodológica para esta investigação, considerando a natureza do estudo que pressupõe o contato direto do pesquisador com a realidade estudada.

A pesquisa qualitativa parte do pressuposto de que o mundo é um processo social construído por pessoas em suas vidas cotidianas. Assim, ela oferece condições de se mapear e compreender o mundo da vida dos pesquisados, buscando apreender narrativas e comportamentos dos sujeitos sociais, através da compreensão de suas crenças, atitudes e valores em um contexto social específico (BAUER; GASKELL, 2002).

Ludwig (2003) afirma que a pesquisa qualitativa parte do fundamento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja,

um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Triviños (1987) destaca que a grande diferença apresentada por esse tipo de pesquisa é o fato de que o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à sua margem ou à margem dos fenômenos que procura compreender, mas se insere no contexto de estudo. Assim, os fenômenos e os sujeitos não são observados e analisados em situações isoladas, artificiais, mas na perspectiva de um contexto social.

Pode-se dizer então que o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa, mas que o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado (CHIZZOTTI, 2001).

Dessa forma, buscou-se com este trabalho obter informações a partir da experiência social dos próprios atores, que são os catadores de materiais recicláveis. A utilização da pesquisa qualitativa garantiu maior amplitude na descrição, explicação e compreensão da realidade social investigada, possibilitando abordar, principalmente, as representações dos catadores sobre o lixo e sua atividade diária com o mesmo. Por se tratar de uma pesquisa dessa natureza, os entrevistados puderam expressar o que pensam e como percebem sua situação, propiciando assim um diálogo entre entrevistado e pesquisador, além de agregar produção de conhecimento à realidade vivenciada por esses sujeitos.

2.2. Local de estudo

O presente estudo foi realizado na cidade de Ipatinga-MG, situada na região metropolitana do Vale do Aço, leste de Minas Gerais, a 205 km de Belo Horizonte, capital do estado.



Figura 1. Localização geográfica de Ipatinga-MG.
Fonte: Prefeitura Municipal de Ipatinga.

Segundo dados históricos da Prefeitura Municipal, Ipatinga era o nome de uma pequena estação intermediária da estrada de ferro que ligava Itabira a Vitória, inaugurada em 1922, e instalada às margens do Rio Piracicaba. Em 1930, o trajeto da estrada foi mudado para mais perto do povoado. Segundo estudos lingüísticos, a palavra Ipatinga tem legítima formação Tupi e significa Pousado de Água Limpa (I+PA+TINGA).

Entre os anos de 1930 e 1934 se iniciaram os primeiros desmatamentos na região para produção de carvão vegetal visando abastecimento das usinas da Companhia Belgo-Mineira em João Monlevade e Sabará. Com a montagem do serviço de carvão, o lugarejo começou a crescer.

O grande desenvolvimento da região começou em 1958, com o início das obras de construção da Usina Intendente Câmara - USIMINAS, que seria inaugurada 4 anos depois em 26 de outubro de 1962. Foi muito rápido

o crescimento do Distrito e a partir de então, os líderes comunitários começaram a reivindicar do governo estadual a emancipação. Depois de muito esforço, de muitas idas e vindas à capital do estado, Ipatinga foi emancipada, em 29 de abril de 1964. Em 03 de outubro de 1965 foram realizadas as primeiras eleições para os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores.

A região metropolitana do Vale do Aço, criada pela Lei Complementar número 51/98, é um aglomerado urbano formado por quatro cidades: Coronel Fabriciano, Ipatinga, Santana do Paraíso e Timóteo. Os quatro municípios se uniram para buscar soluções inovadoras para os problemas comuns. No entorno da Região Metropolitana estão 22 cidades que integram o Colar Metropolitano.

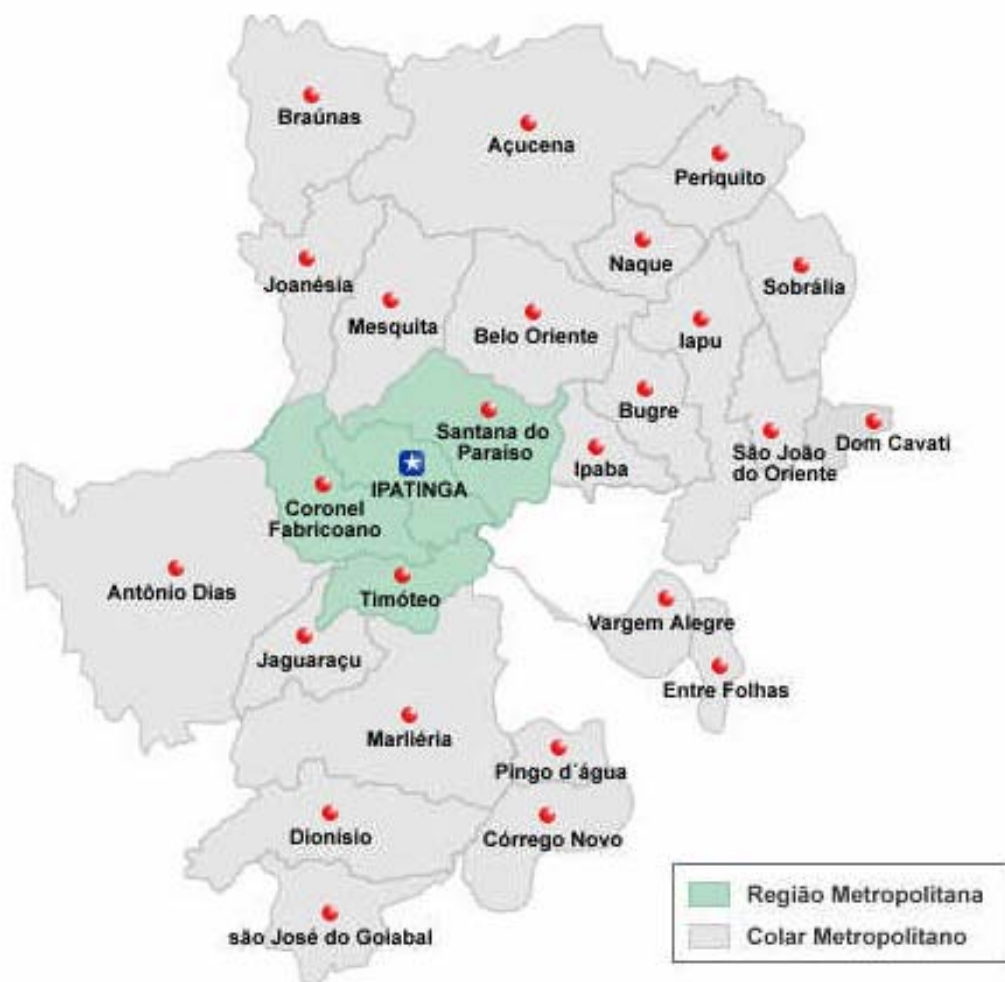


Figura 2. Região e Colar Metropolitanos do Vale do Aço.
Fonte: Prefeitura Municipal de Ipatinga.

Segundo Wikipédia (2007), Ipatinga certamente é hoje a cidade mais próspera do Leste do estado de Minas Gerais, tornando-se referência em todo o estado e no Brasil em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), bons indicadores sociais, infra-estrutura, saúde e áreas verdes. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE a população estimada em 2005 era de 232.812 habitantes. Segundo dados da Prefeitura Municipal, Ipatinga possui o quinto maior PIB do estado de Minas Gerais que é de R\$ 6.36 bilhões, isso se deve, sobretudo à expansão da produção siderúrgica.

Vale enfatizar que, apesar destes dados, vigora no município, assim como no restante do Brasil, uma intensa desigualdade social e um alto índice de desemprego, como afirmou o atual prefeito da cidade Sebastião de Barros Quintão: “Temos aqui um grande paradoxo, uma cidade rica, mas com muitas pessoas extremamente pobres” e “temos, hoje, cerca de 28 mil desempregados na cidade, e grande parte deles provêm dos 67% das camadas mais pobres de nossa sociedade.”⁸

Ipatinga possui hoje 43 anos de emancipação. É uma cidade jovem, que se desenvolveu muito durante esse período. Atraiu nas décadas de 60 e 70 pessoas de diferentes regiões do Brasil pelas inúmeras oportunidades de emprego devido à instalação de uma das maiores siderúrgicas do Brasil e do mundo, a USIMINAS S/A. Mas, atualmente, os postos de trabalho são insuficientes para a própria população, resultando em desemprego e informalidade. Devido a isso, muitos têm buscado qualificação profissional. Vale destacar que só nos últimos dez anos, foram abertas seis faculdades particulares no município, o que facilitou o acesso da população ao ensino superior. Outras pessoas têm emigrado para outras regiões do Brasil e, principalmente, para os Estados Unidos e países da Europa como Itália, Portugal e Espanha, em busca de trabalho. Há ainda aqueles que permanecem na cidade e têm buscado na informalidade fontes de sobrevivência, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis, que

⁸ Afirmação do prefeito em reunião junto à comissão de executivos envolvidos no projeto de expansão do Shopping do Vale do Aço em 05/07/2006, se referindo à importância dessa obra na geração de empregos no município. Reportagem completa no site “Portal do Cidadão” da Prefeitura Municipal: <http://www.ipatinga.mg.gov.br/not_vis.asp?cd=4041>

trabalham pelas ruas recolhendo e separando lixo para venderem e obterem renda.

De acordo com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Ipatinga, a utilização de técnicas de tratamento do lixo no município foi iniciada em 1989. Nessa época, cerca de 30 toneladas de resíduos eram recolhidas diariamente e depositadas em um lixão, colocando em risco a vida de catadores e degradando o meio ambiente. Em 1989, a coleta de lixo em Ipatinga saltou para 180 toneladas e hoje está em 223. A implantação do Aterro Sanitário foi concluída em 1990. Atualmente, o local funciona como um meio também de educação ambiental e lazer.

Neste ano de 2007, o município está iniciando, a implantação da coleta seletiva de lixo, como já mencionado anteriormente. Segundo a Prefeitura Municipal, todo o lixo reciclável será recolhido em cada casa pelos caminhões às sextas feiras e encaminhado ao galpão de triagem da Cooperativa de Catadores⁹ que vem sendo formada, e os demais resíduos (orgânicos e rejeitos) serão levados à Central de Resíduos Sólidos do Vale do Aço, mantida pela empresa Queiroz Galvão, concessionária do serviço de limpeza urbana de Ipatinga.

2.3. População e amostra

A população alvo da presente pesquisa é formada por catadores de materiais recicláveis que atuam em Ipatinga-MG. Segundo informações obtidas junto ao Setor de Limpeza Urbana da Prefeitura Municipal, estima-se que seja de 250 o número de catadores atuando na cidade.

Vale ressaltar que não houve uma escolha prévia dos entrevistados, tanto em termos numéricos, quanto em relação ao perfil que apresentavam. A seleção foi ocorrendo aos poucos, à medida que a pesquisa ia sendo realizada, algumas vezes, uns iam indicando os outros, pela experiência no

⁹ Pesquisa realizada pelo CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem) mostra que, no Brasil, tem ocorrido significativo aumento da quantidade de programas de coleta seletiva desenvolvidos em parceria com cooperativas de catadores. Hoje, 43,5% do total se dá dessa forma. As prefeituras vêm percebendo que isso barateia o processo e torna a coleta seletiva mais eficiente.

trabalho com o lixo, por serem mais comunicativos ou por exercerem algum tipo de liderança junto ao grupo.

Dos 20 catadores entrevistados, 10 levavam os materiais coletados para galpões de comercialização de recicláveis (sucatarias), alguns para uma sucataria localizada no bairro Cidade Nobre e outros para uma sucataria no bairro Vila Celeste. Os outros 10 catadores faziam parte de associações; alguns eram associados da ASCARI – Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Ipatinga, localizada no bairro Canaã e outros da AMAVALE – Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Vale do Aço, no bairro Veneza. A localização geográfica desses galpões e associações pode ser identificada no mapa abaixo:

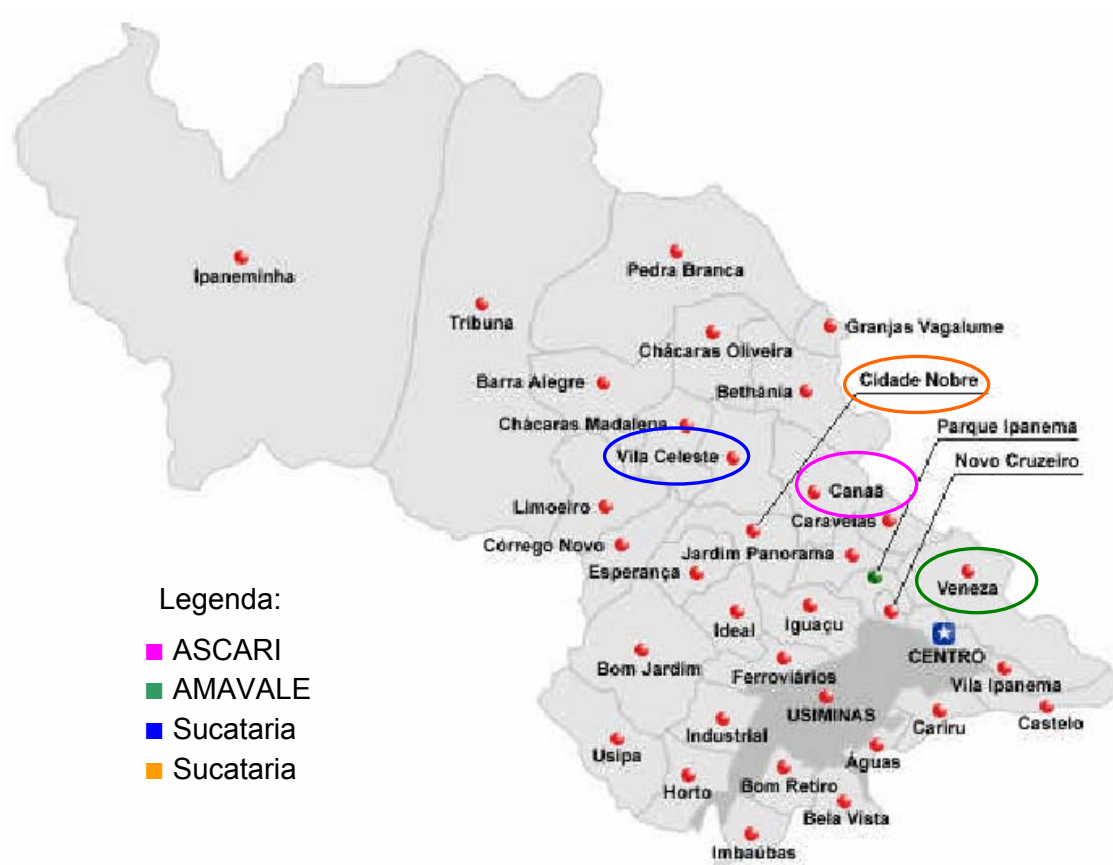


Figura 3 – Localização geográfica das sucatarias e associações de catadores.
Fonte: Prefeitura Municipal de Ipatinga (adaptado pela pesquisadora)



Figura 4 - Fachada da Central de Triagem utilizada pela Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Ipatinga – ASCARI. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 5 – Materiais recicláveis pensados em fardos na Central de Triagem da ASCARI. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 6 – Pátio de separação de materiais recicláveis na sede da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Vale do Aço – AMAVALE. Fonte: Dados da pesquisa.

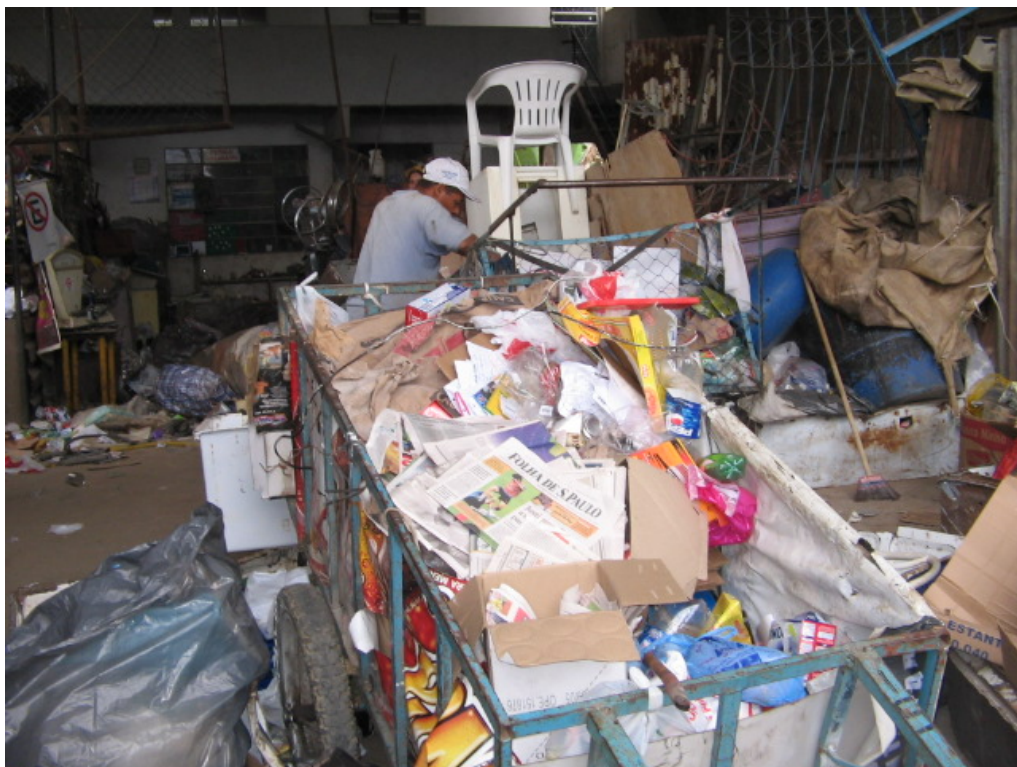


Figura 7 - Catador separando os diferentes tipos de materiais recicláveis no interior da Sucataria do bairro Vila Celeste. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 8 – Fachada da Sucataria do bairro Cidade Nobre. Fonte: Dados da pesquisa.

Foram obtidas importantes informações também junto ao Departamento de Limpeza Urbana da Prefeitura Municipal e à concessionária responsável pela limpeza urbana, a Queiroz Galvão¹⁰.

Para determinar o tamanho da amostra, foram sendo aplicados os questionários e entrevistas, feitas as observações até que se notasse recorrência nas respostas. Essa técnica empregada na pesquisa é denominada critério da “saturação”, sendo utilizada para chegar ao número-limite de participantes. Consiste em realizar entrevistas até que se perceba que não estão sendo obtidos dados novos (COSTA, 2002, p. 340). Assim, quando os temas ou argumentos começaram a se repetir muito, observou-se que pouco significava entrevistar uma maior quantidade de pessoas. Isso pouco acrescentaria de expressivo ao conteúdo das representações, assim, foram realizadas mais umas poucas entrevistas e então finalizada esta etapa. Sobre isso, Sá (1998) acrescenta que, na pesquisa qualitativa com

¹⁰ O Grupo Queiroz Galvão atua no território nacional e na América Latina nas áreas de limpeza urbana (mais nova área de negócios), construção (rodovias, ferrovias, hidrelétricas, etc.), empreendimentos imobiliários (projetos residenciais e comerciais), petróleo e gás (perfuração de poços de petróleo), siderurgia (Siderúrgica Vale do Pindaré), finanças (Banco BGN) e alimentos (agricultura, agropecuária e aqüicultura).

uso de entrevistas, não é necessário que estas sejam realizadas com amostragem estatisticamente válida, pois a representação manifestada por certo número de sujeitos e por um número maior tende a ser a mesma.

2.4. Coleta e construção de dados

Com vistas a responder as perguntas colocadas pelo problema de pesquisa, foram combinados diferentes procedimentos técnicos de coleta e construção de dados, possibilitando também uma compreensão do objeto de estudo em suas múltiplas dimensões. Sobre isso, Marconi e Lakatos (1999), afirmam que, nas investigações, em geral, não se utiliza apenas uma técnica, mas todas as que forem necessárias ou apropriadas para determinada pesquisa. Na maioria das vezes, há uma combinação de duas ou mais delas, usadas concomitantemente.

Antes de iniciar a investigação propriamente dita, a pesquisa constou de uma fase exploratória, importante para que fossem identificadas características gerais do grupo a fazer parte da pesquisa. Thiollent (1996) afirma que a fase exploratória em uma pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador realizar levantamentos mais reais da situação a ser estudada. Essa fase se caracterizou pela realização de contatos individuais com os catadores nas ruas e com os responsáveis pelas duas associações de catadores do município de Ipatinga, a ASCARI – Associação de Catadores de Ipatinga e a AMAVALE – Associação de catadores do Vale do Aço. Nessa ocasião foram informados sobre a pesquisa e sua temática, além de destacada a importância da colaboração dos mesmos para a realização do trabalho.

Em um segundo momento, foi aplicado o questionário, com perguntas fechadas e abertas (APÊNDICE A), realizada a entrevista semi-estruturada (APÊNDICE B), a observação direta, com importantes anotações no diário de campo e o registro fotográfico. Essas técnicas foram escolhidas de forma a melhor responderem as indagações da pesquisa.

Entende-se que a pesquisa com o uso de entrevistas é um processo social em que as palavras são o principal meio de troca. Não é apenas um

processo de informação de mão única passando do entrevistado para o entrevistador, ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Dessa forma, entrevistado e entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção do conhecimento (BAUER; GASKELL, 2002).

Sobre a entrevista, Thompson (1992) afirma que esta não pode ser completamente livre, pois para começá-la já é preciso estabelecer um contexto social, e que o objetivo de uma entrevista deve ser relatar as fontes do viés, que são fundamentais para a compreensão social. Mas Bauer e Gaskell (2002) lembram que as perguntas devem direcionar a pesquisa levando o entrevistado a falar longamente, com suas próprias palavras, e com tempo para refletir, permitindo ao pesquisador obter esclarecimentos e acréscimos em pontos relevantes para a pesquisa.

Assim, optou-se pelo uso da entrevista com perguntas abertas, que, de acordo com Cortes (1994), permitem ao entrevistador criar novas questões de acordo com o que vai sendo respondido. Dessa forma o entrevistado fala de forma a tornar perceptível as representações implícitas em seu discurso. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas através do aparelho MP3 Player e, posteriormente, cada entrevista foi transcrita na íntegra, preservando-se o anonimato dos participantes. Na apresentação dos resultados utilizou-se a letra "E" e os números de 1 a 20 para codificar os entrevistados, junto a esses códigos são apresentados o sexo e a idade.

Sobre a observação, Gil (1999) afirma que esta é uma técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. O diário de campo foi uma ferramenta muito importante durante a observação, nele foi possível registrar reações dos entrevistados e acontecimentos observados. Foram anotadas informações relevantes que nem sempre eram ditas através de palavras, afinal de contas, expressões, gestos e muitas outras expressões não-verbais são de extrema importância para compreensão do que foi dito. Sobre isso, Ludke e André (1986: p.36) afirmam:

“Não é possível aceitar plena e simplesmente o discurso verbalizado como expressão da verdade ou mesmo do que pensa ou sente o entrevistado. É preciso analisar e interpretar esse discurso à luz de toda aquela linguagem mais geral...”.

Outro instrumento importante para maior compreensão da realidade estudada foi a documentação fotográfica. Para Achutti (1997), em uma pesquisa científica, as fotografias têm a função de auxiliar no trabalho de campo, evocando a memória do pesquisador no sentido de apoiar a construção do texto.

As categorias abordadas na pesquisa se relacionam aos dados socioeconômicos das famílias dos catadores, à rotina do catador, à atividade de coleta de materiais recicláveis e à noção da relação entre sua atividade e a proteção do meio ambiente.

2.5. Procedimentos de análise dos dados

Após a tabulação dos dados do questionário, transcrição das entrevistas, organização dos dados da observação direta e documentação fotográfica, os dados foram analisados por meio do método da análise de conteúdo. Esse método foi importante, pois possibilita a realização de análises tanto individuais quanto comparativas das categorias sociais em estudo.

Segundo Bauer e Gaskell (2002), “a análise de conteúdo é uma construção social”. Essa metodologia possui um discurso elaborado sobre qualidade, sendo suas preocupações-chave a fidedignidade e a validade. As vantagens da análise de conteúdo são que ela é sistemática e pública, faz uso principalmente de dados brutos que ocorrem naturalmente, pode lidar com grande quantidade de dados, presta-se para dados históricos e oferece um conjunto de procedimentos maduros e bem documentados.

Bardin (1979) afirma que a análise de conteúdo tem por objetivo explicitar e sistematizar o conteúdo das mensagens, bem como o significado

desse conteúdo em construtos representacionais, tendo como referência sua origem, o contexto e os efeitos dessa mensagem.

2.6. O trabalho de campo

No primeiro contato com os catadores que vendem seus materiais para sucatarias¹¹ não houve boa receptividade. Das cinco mulheres que separavam seus materiais à sombra de uma árvore para pesar e vender, próximo a uma sucataria no bairro Cidade Nobre, apenas uma demonstrou disposição em saber sobre a pesquisa e participar. As outras, meio desconfiadas, preferiram conversar no dia seguinte. Em outra sucataria, próxima dali, no bairro Vila Celeste, os catadores se mostraram um pouco mais receptivos, desconfiados também, mas ao mesmo tempo, muito curiosos, queriam saber quem era a pesquisadora, o que fazia ali e porque precisava deles. Nessas ocasiões foi explicado do que se tratava a pesquisa e posteriormente abriu-se a possibilidade de maior proximidade com o grupo.

Na Associação de Catadores de Ipatinga – ASCARI houve boa receptividade. O primeiro contato foi realizado com o presidente e a tesoureira da mesma, que logo se dispuseram a contribuir com a pesquisa de forma a responder às indagações e a também incentivar aos demais catadores que fizessem o mesmo. As pessoas atenderam prontamente, sem desconfianças, e com muita vontade de participar.

O contato com a Associação de Catadores do Vale do Aço – AMAVALE também foi bom, o presidente foi muito receptivo e incentivou aos demais catadores a participarem da pesquisa.

O trabalho de campo foi realizado nos meses de junho e julho de 2006. Os contatos com os catadores davam-se nos próprios locais de trabalho, ou seja, nas ruas, nas sucatarias ou nas sedes das Associações de Catadores. O horário mais freqüente era durante a tarde, preferido por eles,

¹¹ As sucatarias são galpões que recebem o material coletado pelos catadores. O material é ali pesado e se paga aos catadores valores de acordo com o tipo de material e peso dos mesmos. Nesses depósitos, os sucateiros acumulam materiais prensando-os em fardos para que sejam posteriormente vendidos às indústrias de reciclagem.

porque trabalhavam pelas ruas durante a manhã na catação e à tarde paravam em algum lugar (na rua mesmo, na sucataria ou no galpão da associação) para separar os materiais, pesar, vender e assim encerravam o dia de trabalho. Porém, algumas vezes os contatos foram realizados pela manhã, quando os catadores se referiam a este como o melhor horário naquele dia.

As conversas ocorriam enquanto os catadores separavam os materiais, mas isso não significava falta de atenção ou desinteresse, apenas demonstravam não poder interromper seu trabalho, senão se atrasariam pra buscar os filhos na escola ou para chegar em casa. Contudo, alguns catadores paravam o que estavam fazendo e até se assentavam na calçada para conversar, contavam histórias de suas vidas calmamente, outros pediam que esperasse que eles terminassem seu trabalho para conversarem “com mais calma”.

Observou-se que os catadores eram zelosos em seu trabalho, procurando deixar seus materiais o mais organizado possível, atentando ainda para o local onde separavam os resíduos, não deixando muita sujeira.

CAPÍTULO 3

PERFIL, COTIDIANO E TRABALHO DOS CATADORES

Como escreveu Juncá (2004: p.15), “uma coisa é ler reportagens, ver fotos, ouvir falar. Outra é ver ao vivo e a cores. Ver o que foi permitido e ter a certeza de que havia muito mais para ser visto”. A realidade dos catadores de materiais recicláveis de Ipatinga-MG não está totalmente aqui apresentada, com certeza quanto mais tempo ficasse em contato com o grupo pesquisado, mais teria apreendido sobre os mesmos.

3.1. Perfil sócio econômico dos catadores de materiais recicláveis

Os dados relativos ao perfil socioeconômico dos catadores foram obtidos através do questionário. Dentre os entrevistados, 7 são do sexo masculino e 13 do sexo feminino, a idade variou de 18 a 65 anos, sendo a mediana das idades 45 anos. Pela observação e por dados obtidos na Prefeitura Municipal pôde-se perceber que as mulheres são mesmo a maioria nessa atividade: “A grande maioria dos catadores é do sexo feminino, algo em torno de 90%. Uma boa parte destas mulheres são viúvas ou foram abandonadas pelos maridos, passando a ser pai e mãe de seus filhos” (PORTAL DO CIDADÃO, 2007). Pesquisa realizada em Viçosa-MG, cidade onde se situa a UFV – Universidade Federal de Viçosa, obteve resultados semelhantes, pois verificou que a maioria dos catadores também é do sexo feminino (60%), com idade variando entre 24 e 66 anos, e a

mediana de 47 anos (OLIVEIRA et al, 2007), o que demonstrou resultados próximos aos encontrados em Ipatinga.

Sobre o estado civil dos catadores, constatou-se a predominância do casamento e do concubinato. Quanto à escolaridade, notou-se que a maior parte dos catadores teve pouco acesso à escola, ou seja, muitos estudaram apenas até o primeiro ano do Ensino Fundamental e a grande maioria não concluiu nem a primeira fase do ensino fundamental, como mostra o Gráfico 1.

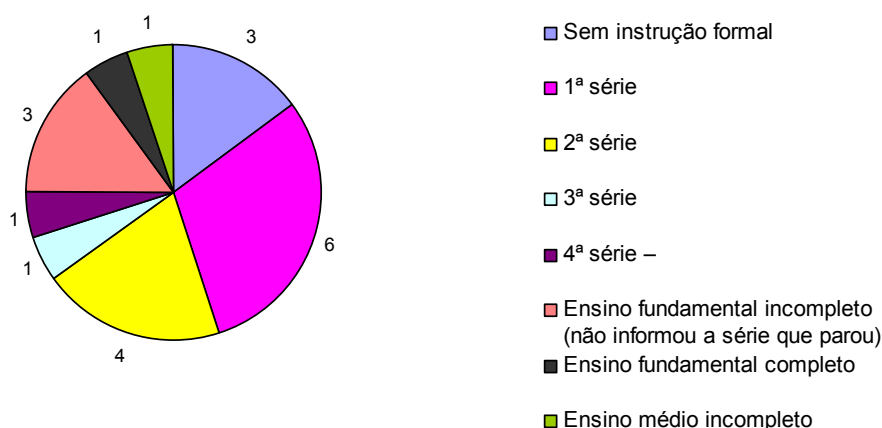


Gráfico 1. Escolaridade dos 20 catadores entrevistados.
Fonte: Dados da pesquisa

MAGERA (2003), em pesquisa anterior, também identificou a baixa escolaridade dos catadores e a mencionou como um fator preponderante para a exclusão dos mesmos do mercado formal de trabalho.

Os catadores entrevistados residem em 5 dos 35 bairros de Ipatinga, ou seja, nos bairros Vila Celeste, Canaã, Bethânia, Esperança e Veneza. O número de catadores residindo em cada um desses bairros é mostrado no Gráfico 2. No mapa que se segue pode-se localizar esses bairros geograficamente, indicados pelas setas azuis.

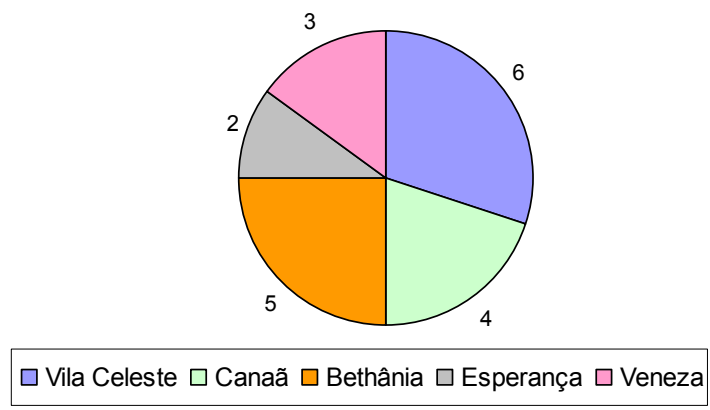


Gráfico 2. Número de catadores residentes em cada bairro.
 Fonte: Dados da pesquisa

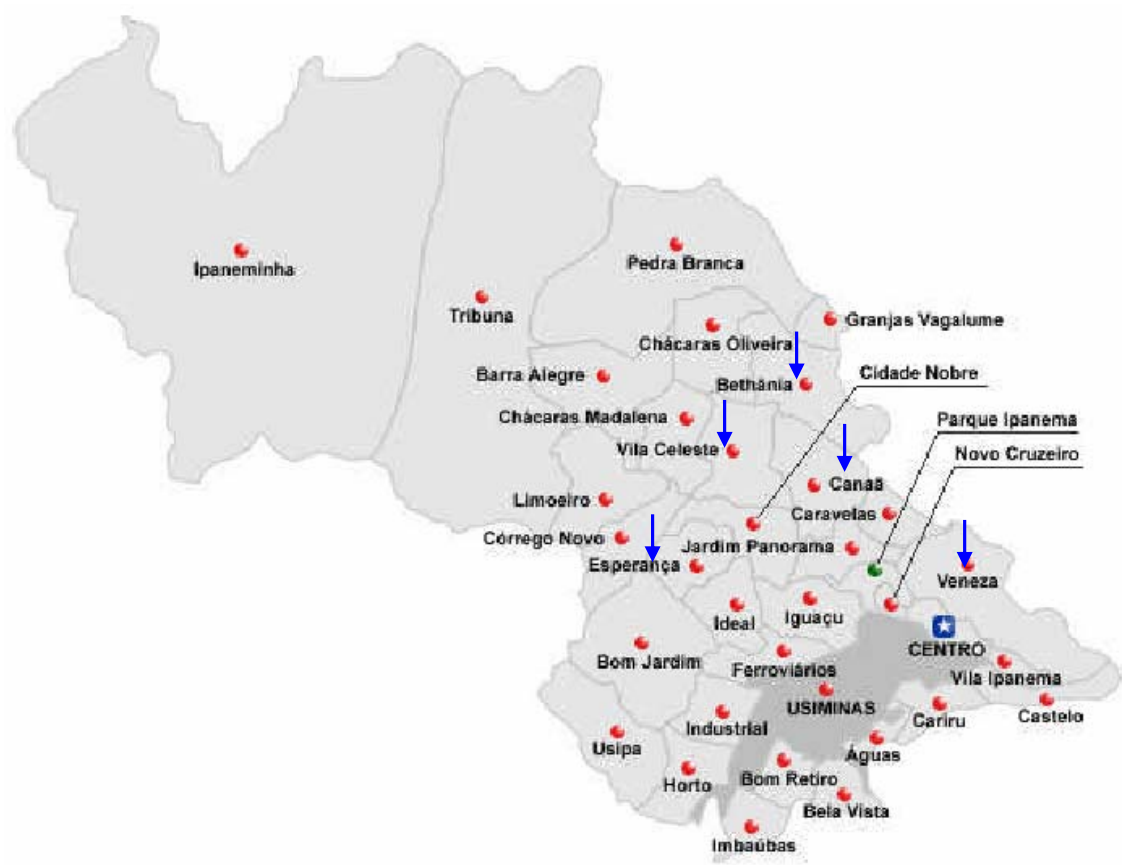


Figura 9. Divisão política de Ipatinga/ bairros onde residem os catadores.
 Fonte: Prefeitura Municipal de Ipatinga/ adaptado pela pesquisadora

O bairro Vila Celeste é um dos primeiros bairros de Ipatinga, possui 3,2 km² de área e população estimada de 19.051 habitantes¹². O bairro Canaã faz divisa com o bairros Vila Celeste e Bethânia, tem 3,3 Km² de área e 26.187 habitantes. No bairro Bethânia se situa um hipermercado e uma universidade particular, possui 3,6 Km² de área e 28.572 habitantes. O bairro Esperança possui 18.175 habitantes e 1,9 Km² de área. O bairro Veneza tem 6,2 Km² de área e 23.070 habitantes.

Vale destacar que esses bairros, como quase todos os outros de Ipatinga, têm algumas regiões mais e outras menos valorizadas pelo mercado imobiliário. No geral, as regiões mais valorizadas são aquelas situadas nas áreas de relevo mais plano e próximo às avenidas principais do bairro, que dão acesso a outras partes da cidade. Nessas avenidas é também onde se localiza o comércio e onde se tem acesso a muitas linhas de ônibus do transporte urbano. As regiões menos valorizadas, como fica bem visível nas fotos que se seguem, são aquelas localizadas nos morros e mais afastadas das áreas comerciais do bairro.



Figura 10 – Vista parcial do bairro Vila Celeste. Fonte: Dados da pesquisa.

¹² Os dados relativos ao número estimado de habitantes foram obtidos pelo IBGE, referentes à 1ª publicação do censo 2000.



Figura 11 - Vista parcial do bairro Canaã. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 12 – Vista parcial do bairro Esperança. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 13A e 13B - Vistas parciais do bairro Veneza. Fonte: Dados da pesquisa.



Figuras 14A e 14B – Vistas parciais do bairro Betânia. Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os entrevistados, constatou-se que 12 dos 20 catadores possuem casa própria, 3 residem em casa alugada e 5 em imóveis cedidos por parentes, como mostra o Gráfico 4. Todas as residências contam com serviço público de coleta de lixo e água tratada, apenas uma não tem acesso à energia elétrica e 19 possuem instalações sanitárias no interior da residência.

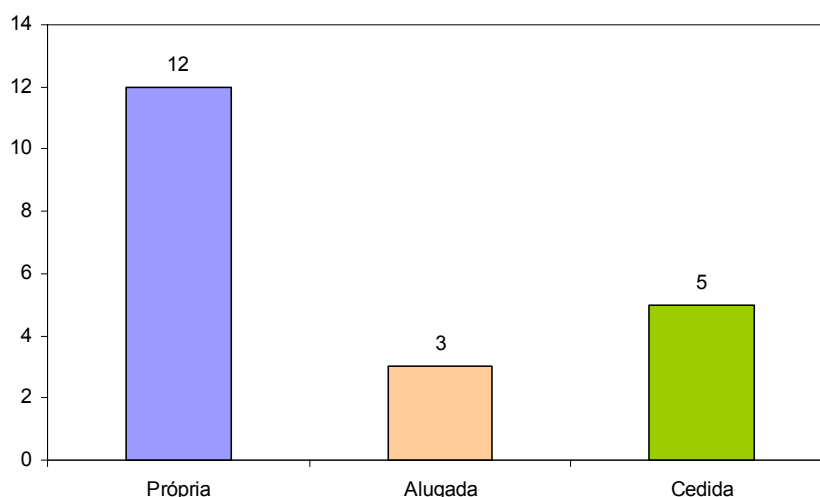


Gráfico 3. Situação das residências dos catadores. Ipatinga, 2006.
Fonte: Dados da pesquisa.

Verificou-se que metade dessas famílias encontra na atividade de catação sua única fonte de sobrevivência e que a renda mensal obtida a partir desta varia de R\$ 50,00 a R\$ 350,00. A renda média mensal é de R\$ 178,00. As famílias que possuem outra fonte de recursos financeiros, muitas vezes, a obtêm a partir de aposentadoria, pensão, programas de transferência de renda¹³ do governo ou de forma esporádica trabalhando em faxinas, vendas, limpezas em galpão de sucateiros ou de garçom. Dez dos entrevistados participam de programas assistenciais do governo como Bolsa Família e PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), dos quais recebem mensalmente quantias em dinheiro, variando de R\$ 15,00 a R\$ 95,00, diferença explicada pelo número de filhos na escola e pelo programa no qual se insere. Os entrevistados relataram que estes valores contribuem

¹³ Os programas de transferência de renda do governo visam auxiliar as famílias com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo, na forma de subsídio financeiro mensal e temporário. Alguns exemplos de programas dessa natureza atualmente em funcionamento no Brasil são o Bolsa Família e o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).

muito para o orçamento da família, ressaltaram também que, de forma alguma, conseguiriam se sustentar apenas com eles.

Através da pesquisa realizada, pôde-se perceber que a variação na renda se explica pela diferença no número de horas trabalhadas, no ritmo de trabalho e na quantidade e qualidade de resíduos encontrados por cada um. Isto porque alguns são alcoólatras e não trabalham todos os dias, já outros possuem limitações físicas causadas por acidentes ou pela idade já avançada.

O Quadro 1 mostra a renda obtida com a atividade de coleta de materiais recicláveis e quantos recebem esses valores, o Gráfico 3 mostra a variação na renda de todos os entrevistados. Vale mencionar que o salário mínimo vigente na época da aplicação dos questionários era de R\$ 350,00.

Quadro 1. Renda obtida com a venda dos materiais recicláveis. Ipatinga, 2006. Fonte: Dados da pesquisa

Renda	Número de pessoas
R\$ 50	1
R\$ 100	5
R\$ 120	1
R\$ 150	3
R\$ 160	1
R\$ 180	1
R\$ 200	3
R\$ 220	1
R\$ 300	2
R\$ 330	1
R\$ 350	1

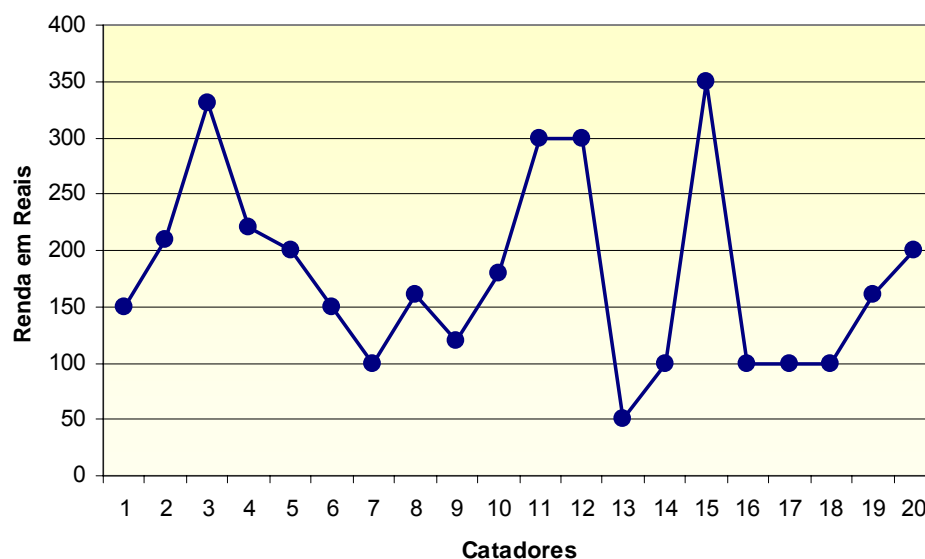


Gráfico 4. Variação na renda obtida com a atividade de coleta de materiais recicláveis. Fonte: Dados da pesquisa.

Essa pesquisa confirma as discussões atuais sobre a qualidade de vida do brasileiro quanto à renda, as quais enfatizam que muitas das famílias brasileiras possuem renda mensal *per capita* inferior a meio salário mínimo, caracterizando assim uma situação de pobreza, fome, ensino precário, entre outros. Andrade e Rabelo (2007) destacam que, na região sudeste, 5,4% das famílias tem renda média mensal *per capita* inferior a meio salário mínimo (R\$ 175,00), e que essa situação é ainda amenizada pelos programas de transferência de renda, pois se não houvesse esses programas, essa porcentagem seria de 14,5%.

3.2. A coleta de materiais recicláveis

Quanto ao meio utilizado para transporte dos materiais recicláveis, do total de 20 (vinte) catadores, 15 (quinze) utilizam carrinhos de ferro de propriedade da sucataria onde vendem os materiais ou da Associação de catadores a qual pertencem, 4 possuem carrinho próprio e 1 utiliza uma bicicleta de carga. Essa situação foi também constatada em Fortaleza¹⁴,

¹⁴ Dados da pesquisa realizada pelo Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos humanos e Fórum Lixo e Cidadania de Fortaleza.

onde os carrinhos, em 60% dos casos, são de propriedade do dono das sucatarias onde os materiais são vendidos.



Figuras 15A e 15B: Carrinhos utilizados pelos catadores.

O tempo de exercício dessa atividade pelos entrevistados varia de 8 meses a 24 anos. A maioria já teve outra experiência de trabalho, sendo esta, na maior parte em trabalhos domésticos, e outras como pedreiro, sorveteiro, garçom e chefe de cozinha.

Todos os entrevistados disseram que, além de coletar materiais para vender, também utilizam algumas das coisas encontradas, tais como: roupas, vasilhas, brinquedos, calçados, aparelho de som e relógio. Isso também foi verificado na pesquisa com catadores de materiais recicláveis de Scariot e Acker (2004). Sobre isso, Juncá (2004) afirma que a atividade de catar lixo já foi associada apenas à mendicância, restringindo-se o material coletado ao uso pessoal. Hoje a situação é bem diferente, altos índices de desemprego vêm se combinando ao desenvolvimento de uma cultura de reaproveitamento e obtenção de renda a partir da reciclagem.

O desemprego foi exatamente o motivo mais apontado pelos catadores por ter iniciado a coleta dos recicláveis. Outros motivos citados foram, baixa escolaridade, idade, limitações físicas para exercer outra atividade, necessidade de ajudar no orçamento familiar ou até mesmo necessidade de passar a chefiar a família (caso de algumas mulheres). IPT (2004) e Magera (2003), em suas pesquisas, também relacionaram a ampliação do número de catadores ao aumento do desemprego e às crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho. Para esses autores, muitos trabalhadores da catação constituem-se uma massa de desempregados, que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho. Nesse contexto, Medeiros e Macêdo (2006) destacam que na catação esses fatores não são excludentes, pois uma das características dessa atividade é a ausência de exigências para o seu ingresso.

Sendo assim, Scariot e Acker (2004) destacam que os catadores de materiais recicláveis são pessoas, que na maioria das vezes, encontram-se nestas condições de exclusão por não terem uma alternativa melhor para manter sua sobrevivência. Assim acabam procurando no lixo a sua renda, pois esta atividade está diretamente ligada à sua sobrevivência imediata.

Quase todos os entrevistados têm pelo menos algum familiar exercendo a atividade de coleta de materiais recicláveis, sendo estes, principalmente filhos, irmãos e cônjuges. Scariot e Acker (2004), Adametes (2004) também identificaram esta realidade em pesquisas envolvendo catadores. Adametes (2004) menciona que há casos de três gerações

trabalhando na catação e que isso não significa que todos sejam amigos, pois sobrevivência é luta – luta contra a miséria – e de uma forma ou outra existe sempre uma competição entre eles.

3.3. O cotidiano dos catadores

O cotidiano é onde se realizam as atividades relativas à vida, é a expressão da própria existência humana. É também a realização dos afazeres diários, a repetição das atividades vitais, o desenvolvimento das emoções. A vida cotidiana é a vida de todo homem, todos estão nela mergulhados com todos os aspectos do seu ser. É nela que entram em funcionamento todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, sentimentos, idéias, ideologias, que fazem parte do dia-a-dia junto ao trabalho, descanso e lazer (Heller, 1992).

Toda realidade é representada, ou seja, ela é reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída em seu sistema cognitivo, integrada em seu sistema de valores, dependente de sua história, contexto social e ideológico que o cerca. Esta representação reorganiza a realidade permitindo a interação das características concretas e das experiências vivenciadas pelo sujeito.

De acordo com os catadores, é preciso acordar bem cedo para trabalhar, por volta de cinco ou seis horas da manhã, o que demanda em dormir cedo pra conseguirem agüentar a rotina de trabalho.

“Eu acordo é cinco e meia. Ali eu fico até dar a hora pra eu não chegar atrasado aqui” (E12/ masculino/ 41 anos).

“Eu durmo cedo menina, oito horas eu já tô dormindo...” (E19/ masculino/ 43 anos)

Algumas catadoras mencionaram que, antes de irem trabalhar, cuidam dos filhos ou netos e os encaminham à escola.

“Ah, eu levanto cinco hora né? Pelejo com os menino né? Eles são difícil de levantar. Aí levo eles lá no ponto de ônibus pra mandar eles pra escola. Aí trago o carrinho com os material né?” (E6/ feminino/ 47 anos).

“Dia de semana eu acordo bem cedo, levo os menino pra escola e venho pra cá” (E16/ feminino/ 46 anos).

“Eu acordo quatro hora, aí arranjo meu netinho pra poder levar pra escola, aí levo ele e de lá eu venho pra cá. Chego aqui sete, sete e meia, sete hora eu chego aqui” (E3/ feminino/ 52 anos).

No que se refere à alimentação e à saúde, muitos dos entrevistados mencionaram ficar pela rua o dia todo trabalhando e só se alimentarem quando chegam em casa, à tarde:

“Tem dia que eu, eu fico só com o almoço minha filha, três hora da tarde, vou comer no outro dia” (E10/ masculino/ 62 anos).

“Aí quando dá lá pelas três horas eu termino de separar, peso e vou embora, num tem almoço também não. (risos) Num pensa que vai sair pra rua pra catar que tem almoço que num vai ter não” (E15/ feminino/ 30 anos).

“Fico o dia todo na rua sem almoçar né? Tomo uma água e saio andando, a gente diverte muito e nem fome num tem não né? Num tem não” (E2/ feminino/ 60 anos).

Outros levam sua comida pronta de casa em marmitta e param na rua mesmo para almoçar:

“Já levo a marmitta, trago de casa cedinho. Aí paro na rua, almoço, tomo meu cafezinho, trago a garrafa de café” (E11/ masculino/ 41 anos).

“Almoço e tem dia que eu levo a comida pra almoçar na rua mesmo” (E9/ masculino/ 61 anos).

Uma catadora disse que faz intervalo de almoço para cuidar do filho, alimentar e levá-lo pra escola:

“Eu cato na parte da manhã... Aí chego em casa, faço almoço pro meu filho, mando ele pra escola, venho pra cá de novo e saio catando na rua” (E13/ feminino/ 47 anos).

Como já se sabe, os horários de trabalho na catação são flexíveis. O horário de encerramento do trabalho diariamente variou, contudo algumas respostas foram recorrentes entre os entrevistados.

“Às seis hora eu chego, aí eu chego me casa, dou merenda pro meu filho e vou catar de novo nas casa e na rua. Às nove horas eu retorno, tomo o meu banho e aí a gente dorme” (E13/ feminino/ 47 anos)

“Pego meu carrinho aqui e quando encho o carrinho é mais ou menos duas horas, aí eu venho pra cá separar. Aí separo material por material e vou embora umas cinco horas” (E11/ masculino/ 41 anos).

“Aí junto as coisa e levo pra casa pra separar, trago no outro dia. Saio daqui cinco hora” (E3/ feminino/ 52 anos).

“Trabalho até quatro horas, pego ela na creche e vou pra casa” (E14/ feminino/ 38 anos).

Juncá et al. (2000) destaca que a rotina do catador é desgastante e envolve normalmente mais de oito horas de trabalho por dia. Em sua pesquisa com catadores em Campos dos Goitacazes, estado do Rio de Janeiro, ela identificou que 75,5% dos trabalhadores da catação têm jornada diária superior a oito horas, 14,3% de seis a oito horas e 10,2% de menos de seis horas. E que quando a necessidade aperta ainda mais, catam lixo também à noite.

Quanto aos fins de semana, as catadoras destacaram os afazeres domésticos, como faxinar a casa e lavar as roupas como sua principal ocupação, visto que não têm tempo para realizá-los durante a semana.

“Fim de semana dou faxina na casa. A gente arruma a casa né? Nunca gostei de casa bagunçada, aí vou, dou uma mão, a gente arruma mais ou menos, pra num acumular...” (E6/ feminino/ 47 anos).

“... porque sábado é pra limpar minha casa, porque durante a semana minha mãe faz o almoço, lava as vasilhas e arruma meu filho pra escola. Aí a casa fica bagunçada a semana inteira. O mais pesado é eu que faço” (E15/ feminino/ 30 anos).

“Todos domingo lavo roupa né? Junto às quatro hora, esfrego um pouquinho, pego no outro dia de noite e esfrego mais um pouquinho, aí quando é no domingo eu tenho que pendurar. Meu prazo é esse” (E13/ feminino/ 47 anos).

“No final de semana? Eu lavo roupa. Ah! Eu dou uma faxina na casa e lavo roupa. Num saio não, é muito difícil, fico mais quietinha dentro de casa” (E14/ feminino/ 38 anos).

A igreja foi destacada também como um lugar freqüentado aos fins de semana por alguns catadores:

“Vou na igreja domingo de manhã primeiro, né? (E13/ feminino/ 47 anos).

“Fim de semana eu arrumo casa, lavo roupa e vou na igreja” (E16/ feminino/ 46 anos).

O trabalho com os materiais recicláveis também é realizado aos fins de semana por alguns catadores, assim, quando não saem para catar, se ocupam em organizar e separar o que já foi coletado:

“Eu quase não descanso também não, o material que eu junto no sábado eu fico separando no domingo. Separo o lixo pra colocar pra fora, dou uma limpeza no lote, eu não fico parado de tudo também não” (E9/ masculino/ 61 anos).

“Fim de semana, trabalho, trabalho e trabalho. Só trabalho e mais nada. (...) Saio pra catar material. Dia de domingo eu faço almoço e depois eu fico só na televisão. Num tenho ânimo pra sair de jeito nenhum” (E7/ feminino/ 45 anos).

“Fim de semana vou arrumar a sacaria pra trazer pra cá” (E3/ feminino/ 52 anos).

Notou-se, através das falas que se seguem, que os catadores acreditam ter pouco ou nenhum descanso.

“... a gente que é pai e mãe ao mesmo tempo num tem jeito de cê descansar não. Sábado, se não der tempo de cê lavar uma roupa, aí cê tem que lavar é no domingo” (E6/ feminino/ 47 anos).

“Só de noite, depois que anoitece num dá mais pra trabalhar, aí a gente para, vai pra dentro de casa tomar banho e descansar né? Reforçar o corpo pra começar de novo na segunda feira” (E9/ masculino/ 61 anos).

“Eu acho que eu só vou descansar quando eu morrer” (E13/ feminino/ 47 anos).

Dos entrevistados que mencionaram ter algum descanso, a maioria destacou o tempo em frente à TV:

“Dia de domingo eu faço almoço e depois eu fico só na televisão. Num tenho ânimo pra sair de jeito nenhum” (E7/ feminino/ 45 anos).

“Se eu num tiver nada pra fazer eu vejo televisão” (E17/ masculino/ 28 anos).

Duas entrevistadas disseram que gostam de sair com as amigas para dançar ou beber:

“Fim de semana, às vezes, eu saio, com as amigas. Nós vem na Star e num forró que tem lá no Bethânia” (E4/ feminino/ 42 anos).

“Às vezes eu saio com uma colega minha, nós senta num, barzinho e vamos tomar um cerveja. Às vezes eu subo e bebo na minha casa mesmo” (E18/ feminino/ 25 anos).

O cotidiano do catador leva a marca das sobras da sociedade e não restam dúvidas de que deste trabalho com o lixo saem indivíduos entorpecidos e esmagados pela realidade da inclusão-exclusão. Eles têm uma história para contar e uma vida a viver, mantendo-se sempre numa tentativa de busca de alternativas capazes de promoverem uma reciclagem, de direito e de fato, para o seu reconhecimento enquanto cidadãos (JUNCA et al., 2000).

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CATADORES

As representações são manifestas de acordo com o modo como as pessoas apreendem a vida cotidiana, ou seja, nos saberes expressos por elas sobre a realidade e sobre sua interação com os outros (OLIVEIRA; WERBA, 1998).

Neste capítulo serão analisadas algumas representações sociais dos catadores de materiais recicláveis de Ipatinga-MG acerca do lixo, de sua atividade com o mesmo, de suas perspectivas de futuro e da relação entre a catação e proteção ambiental.

4.1. Quando o lixo não é lixo

Nas representações sociais dos catadores de materiais recicláveis sobre o “lixo”, percebeu-se, através do conjunto de palavras, gestos e imagens, que a palavra lixo não é associada ao material que coletam. “Lixo” é por eles associado ao que não presta, a resto de comida, papel higiênico. Enfim, a tudo que não é reciclável e não lhes gera renda.. Essa representação sobre o lixo fica evidenciada nos discursos a seguir:

“Ah, considero que é lixo aquilo que não serve pra mim e não serve pra ninguém né? Aquilo ali é lixo, mas uma coisa que você pega lá, vai e vende e dá dinheiro num é lixo não” (E2/ feminino/ 60 anos).

“Existe vários tipos de lixo, igual papel higiênico, aquilo ali ninguém aproveita, tem que usar e jogar fora, aquilo ali é lixo mesmo. Já o papel, o plástico, a lata, isso aí tudo tem proveito, com as lata, por exemplo, eles faz arame. Com o papel eles torna desmanchar e fazer outros papel outra vez” (E9/ masculino/ 61 anos).

Carmo e Oliveira (2007) ressaltam que ao mencionarmos a palavra lixo é possível que surjam os mais diversos significados. Quando o lixo recebe tratamento especial, como ao ser considerado matéria reaproveitável, despontam dele significados positivos, idéias de utilidade, aí ele não é mais nomeado como lixo, mas como aquilo no qual se transforma. A argumentação dos autores vem de encontro às representações dos catadores entrevistados, uma vez que os mesmos definem “lixo” como algo que não tem proveito. Os catadores chamam a atenção para o valor que é atribuído aos materiais passíveis de reciclagem, que são capazes de gerar renda. Nesse contexto, o lixo não é lixo.

Identificou-se também, pelas falas dos entrevistados, que algo que antes podia ser vendido para ser reciclado e depois, por algum motivo deixa de ter valor comercial, muda de significado, passando a ser associado igualmente a “lixo”:

“Lixo? Vão ver se eu sei explicar. Lixo é assim, poeira né? Que joga fora, algum raminho, pente de ovos né? Num tão comprando mais, também é lixo né? Igual esses negócio de papel higiênico, sujeira né?” (E13/ feminino/ 47 anos).

Foi possível notar ainda que os catadores têm noção de que o termo “lixo” tem significados diferenciados para aqueles não envolvidos na catação:

“É umas coisa que não tem utilidade né? (...). Igual, muitas pessoa pensa, assim, que papel é lixo e tal, mas é uma coisa que a gente recicla que dá dinheiro. (...). Muitas vezes a gente tem que abrir a sacola pra separar aqueles litro, essas coisa né? Então o que sobra é lixo, pra nós é lixo (E18/ feminino/ 25 anos)”.

A existência desses diferentes significados atribuídos ao “lixo” está relacionada ao modo como estas se relacionam socialmente e

economicamente com ele. Aquilo que é lixo para uma pessoa pode não sê-lo para outra, por exemplo: uma dona de casa ou um artista plástico podem atribuir significados distintos a um mesmo objeto que, para um pode ser apenas um resto inútil, enquanto para outro pode ser matéria-prima. Para o catador pode significar dinheiro. A atribuição de novos e positivos significados ao lixo teria efeitos positivos tanto para o meio ambiente quanto para a geração de trabalho e renda. Esses significados poderiam oferecer à sociedade uma nova visão quanto ao trabalho dessas pessoas, proporcionando maior auto-estima e engajamento desses, que passariam a se sentirem valorizados. A partir daí, os catadores conseguiriam se articular melhor para obtenção de melhorias em suas condições de trabalho e um êxito econômico maior (CARMO e OLIVEIRA, 2007).

4.2. O trabalho com o lixo

Ideologicamente, em nossa sociedade, trabalho é sinônimo de dignidade, um meio de ganhar a vida honestamente. Sendo assim, o trabalho tem um significado essencial no universo da sociabilidade humana, pois não é apenas um meio de sustento, mas forma a identidade da pessoa e sua profissão caracteriza seu modo de vida. Marx (1978) chegou a afirmar que o trabalho cria o homem e que o homem cria a si mesmo pelo trabalho. Para ele, o homem superou sua condição de ser natural e se converteu em ser social também através do trabalho, além disso, “ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida” (MARX, 1978, p.148).

Por outro lado, os trabalhadores, enquanto força de trabalho, se apresentam na sociedade contemporânea como uma mercadoria dotada de valor de uso e de troca. O trabalhador, pouco mais tem conseguido que fadigas e esgotamento, demonstrando a distância em que está de se ser um sujeito de direitos, detentor de poder social e político. Pode-se observar a existência de uma intensa crise no mundo do trabalho. Aumento do desemprego, precarização das condições de trabalho, exclusão de

trabalhadores do mercado formal de trabalho e exclusão do convívio social são algumas das dificuldades encontradas na atualidade.

Nesse contexto, num cenário de intensa exclusão social se encontram os catadores, trabalhando em situações precárias, sem as mínimas condições de salubridade ou conforto, buscando sua sobrevivência e inserção no mundo do trabalho. Inserção esta, totalmente questionada, pois além da falta de condições dignas de trabalho, eles se auto-empregam sem terem nenhum acesso à seguridade social e trabalhista. Muitas vezes, eles nem têm noção do processo no qual estão inseridos ou até mesmo se satisfazem com a situação na qual se encontram.

Tal situação foi evidenciada ao buscarem-se as representações dos catadores em relação ao “trabalho com o lixo”. Em suas falas emergiram argumentações no sentido de demonstrar satisfação com a atividade desenvolvida, principalmente nos discursos daqueles com idade igual ou superior a 60 anos,

“Ah, eu gosto, eu gosto, é muito divertimento pra mim. Fico à vontade. Alegre! Nossa! Num alembro de nada, só alembro de Deus mesmo Se eu tivé em casa, tudo quanto há de ruim fica passando na cabeça da gente, as coisa ruim que já passou né? Eu tando catando, é Deus no céu e eu na rua e eu num alembro de nada, nada. É muito divertimento pra mim, distrai muito a gente boba, mas se eu ficá em casa acabou. Domingo, eu fico aflita que chega segunda-feira pra mim rachá pra rua.” (E2/ feminino/ 60 anos)

“(...). Pra mim, eu acho bom, eu gosto né? Que eu tô distraindo eu tô andando, eu tô distraindo né?” (E1/ feminino/ 65 anos)

“Pra mim é uma boa coisa, porque, por exemplo, eu vou no médico aí ele fala – o senhor tem que tomar remédio e fazer muita caminhada – mas como caminhar se eu já caminho o dia inteiro? Mas aí ele fala se eu parar com as reciclagem, eu tenho que andar todo dia, andar bastante... Gosto de estar sempre movimentando...” (E9/ masculino/ 61 anos)

Conforme se pôde apreender nas falas anteriores, as atividades com o lixo estão relacionadas à “divertimento”, “distração”, “movimento”,

evidenciando assim o sentido do trabalho como forma de ocupação da mente, meio para esquecer os problemas e ainda de cuidar do corpo. Outra entrevistada afirma:

“Eu me sinto mais à vontade, porque eu posso pegar a hora que eu quero, eu vou a hora que eu quero, se eu quiser parar eu paro.” (E18/ feminino/ 25 anos)

Tal fala remete à informalidade do trabalho com o lixo, tão bem vinda às mulheres que integram este segmento e ainda são chefes de família e donas de casa. Essa informalidade garante a flexibilidade de horários, facilitando os cuidados com os filhos e o exercício dos afazeres domésticos.

Se por um lado predominam as argumentações favoráveis ao trabalho com o lixo, existem outras que demonstram descontentamento, falta de opção, etc., como ressaltado nas falas abaixo:

“Ah, eu só estou aqui porque eu não tenho outro né? Porque se eu tivesse outro eu não estaria.” (E4/ feminino/ 42 anos)

“Acho que é uma humilhação né? Porque eu tenho saúde, posso arrumar um emprego melhor pra trabalhar, tenho condições de ter um futuro melhor, mas infelizmente nem todo lugar dá oportunidade. Eu acho uma grande humilhação.” (E15/ feminino/ 30 anos)

Emerge nos discursos apresentados a questão do desemprego, um dos elementos fundamentais para direcionamento ou permanência das pessoas nessa atividade.

Madeiros e Macêdo (2006) ressaltam que o trabalho com o lixo não tem uma única representação ou sentido para os catadores, mas envolve tanto aspectos positivos quanto negativos. Isso se deve ao fato da existência de diferentes significados para o lixo, o que interfere na imagem que o catador faz de si mesmo e de seu trabalho.

A maneira como o catador vê sua atividade e posição social parece interferir em suas relações no mundo do trabalho. A representação social mais comum encontrada entre eles é a de que preferem esse trabalho ao roubo, ao tráfico, à mendicância, o que reforça, sem querer, seu significado de miséria e exclusão e, também a auto-imagem destas pessoas como sem

alternativas a não ser “viverem do lixo”. Esse significado da atividade exercida com o lixo também leva o catador a se sentir um sujeito pobre, mas honesto (CARMO; OLIVEIRA, 2007). Miura (2004) apud Madeiros e Macêdo (2006) também acredita que este trabalho, mesmo que seja com o lixo, normalmente seja visto pelos catadores como fonte de dignidade e modo legítimo de obter renda, ou seja, uma atividade que faz do excluído um trabalhador inserido no mundo do trabalho, diferenciando-o do mendigo ou vadio. Essa representação social sobre o “trabalho com o lixo” pode ser evidenciada nos discursos abaixo:

“Ah minha filha, eu me sinto um artista. Pra mim, tudo é alegria. A melhor coisa é trabalhar, uma vez que você num tá enfiando a mão no bolso dos outro, é tudo alegria. (...). É uma coisa que aconteceu na minha vida e eu vou continuar.” (E19/ masculino/ 43 anos)

“Pra mim é um serviço honesto, igual a todos né? Eu gosto. Gosto de trabalhar na rua.” (E11/ feminino/ 38 anos)

Juncá et al. (2000) acreditam que os catadores, apesar de não serem “sequer considerados como semelhantes”, buscam concretizar sua identidade humana – em contraponto ao reconhecimento externo de malandro, marginal, bicho que come lixo – e, dentro de um espaço limitado, fazem algumas escolhas. Escolhem a via do trabalho, o discurso de provedor, de honestidade e dignidade, querendo provavelmente se reencontrar na sociedade de produção e concretizar uma nova identidade nas relações em que vão se enredando.

4.3. Discriminados mesmo

No imaginário popular, condição de catador é muito associada à miséria e para alguns é também sinônimo de marginalidade, indolência, malandragem, etc. Esses estigmas marcam profundamente a vida de uma pessoa, tornando-a desacreditada, principalmente perante a sociedade (SCARIOT e ACKER, 2004). Num mundo que atribui rótulos à população carente, o catador chega a ser visto como resto, pois trabalha com o refugo urbano e acaba sendo confundido com ele (JUNCÁ et al., 2000).

Para Cesconeto (2004), esse imaginário das pessoas sobre os catadores ocorre também por causa das reportagens produzidas pelos meios de comunicação, que apresentam os catadores como indivíduos que ocupam um mercado dividido com urubus, numa associação com porcos e ratos que vivem no lixo. No filme “Ilha das Flores” eles são apresentados sempre junto ao lixo, ou seja, no seu local de trabalho, levando as pessoas a os confundirem ou a os compararem com o mesmo. Estas representações tendem a formar um código normativo de condutas ocasionando em muitas tensões e auto-exclusão, semeando também muitos outros significados.

No poema denominado “O Bicho”, Manuel Bandeira destaca a triste realidade de muitos brasileiros, que se alimentam com os restos encontrados no lixo. Não se observou esta atitude dentre os catadores entrevistados, mas em momento anterior à pesquisa, pôde-se observar isso nas ruas de Viçosa-MG.

“Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa
Não examinava nem cheirava
Engolia com voracidade
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O Bicho, meu Deus, era um Homem “!
(Manuel Bandeira)

Pôde-se constatar, através da fala dos entrevistados, que os mesmos acreditam que haja preconceito por parte de muitas pessoas no que se refere tanto à atividade que exercem pelas ruas da cidade quanto a eles mesmos enquanto indivíduos. E esse preconceito é muito associado à situação de miséria em que se encontram e ao fato de trabalharem com lixo.

“Um bocado é discriminado mesmo. (...). Teve um dia que eu tava mexendo no lixo assim, aí a mulher falou comigo assim: Ô menina larga meu lixo aí, num mexe não. Aí eu falei: Pra quê que a senhora colocou ele pra fora então? (risos) Eu vô chamá a policia pro cê. Pode chamá, eu num tô robando. Eu falo mermo. Eu tô aqui ganhando meu pão de cada dia. Aí ela fechou a porta e foi lá pra dentro. (...). Semana passada eu pedi pra uma mulher água, aí ela me deu água e quando eu terminei de tomar ela falou: Pode

ficar com o copo pro cê. Ih minha fia, a gente é discriminado mesmo! Num é de tudo, alguns. E tem uns que num põe o lixo pra fora não, que põe o lixo na hora do caminhão passar.” (E5/ feminino/ 50 anos)

“Às vezes passava uns rapaz perto de mim e falava: Uma moça tão bonitinha catando papelão? Às vezes eu ficava até com vergonha por causa deles falá isso ou então falá assim – Num podia tá em outro serviço? Talvez se tivesse estudo taria em outro serviço? – Então, um bocado é discriminado.” (E18/ feminino/ 25 anos)

Essa representação que as pessoas têm dos mesmos é, muitas vezes, como já mencionado anteriormente, ancorada em preconceitos construídos historicamente, reforçados e reelaborados pela própria sociedade e pela mídia. Cesconeto (2004) afirma que os catadores, inúmeras vezes, são mesmo vistos como seres humanos excluídos da condição de cidadãos, tendo sua imagem associada à delinquência e marginalidade, recebendo ainda títulos de vagabundo, preguiçoso, sujeito perigoso, escória da sociedade capitalista, miserável, revira lixo, violento, sujo...

“... já tomei nome vagabundo aí na rua muitas vezes por causa desse negócio de catar papel. Mas quem me tratou de vagabundo tava sentado na porta do boteco e eu tava na rua trabalhando né? Tava juntando minhas coisas, a gente agüenta muita humilhação” (E9/ masculino/ 61 anos).

“Às vezes você para numa sombra pra descansar, aí eles já olham pra você assim, já corre e fecha a janela e fecha a porta, como se você tivesse parando ali pra descansar pra poder entrar lá pra roubar. Ou então te olham de maneira diferente, de minuto em minuto fica olhando pra ver o que você está fazendo, e é assim.” (E15/ feminino/ 30 anos)

Essas representações sobre os catadores nos fazem pensar no valor que os “cidadãos de bem” de nossa sociedade têm atribuído ao ser humano, nessa cumplicidade silenciosa para com as injustiças quanto à distribuição desigual da riqueza, discriminação, violência, ao precário acesso ao sistema educacional, à saúde, à cultura, que excluem as maiorias do convívio social. (CESCONETO, 2004).

Juncá (2004) afirma ainda que, “olhando de fora”, o lixo pode ser visto apenas como resto, da mesma forma que os chamados “catadores”

costumam ser homogeneizados e reduzidos à condição de indivíduos desocupados, inúteis e perigosos. Ela acredita que o problema maior pode não se encontrar no trabalho com o lixo em si, mas sim com os estigmas que o cercam e nas condições em que ele é exercido, produzindo armadilhas, mantendo os catadores na condição de não trabalhadores e transformando-os em reféns da inutilidade.

Identificou-se ainda, que os catadores sentem, muitas vezes, certa indiferença da sociedade quanto ao seu trabalho, não contribuindo em nada para ajudá-los ao separarem o lixo, e que ainda estão a incomodá-la.

“Pouca gente separa. Tem uns que não separa não, tem uns que até põe no meio bosta de cachorro pra gente não pegar, caco de vidro... aí nós tira os caco de vidro e põe em outro lugar e pega os lixo.” (E16/ feminino/ 46 anos)

Em contrapartida, os catadores afirmaram também a existência de algumas pessoas que valorizam sua atividade de forma consciente, separando seu lixo reciclável com todo cuidado. Com isso, eles imaginam que as pessoas já começaram a mudar um pouco de opinião em relação ao trabalho do catador, que percebem sua importância ou que já se acostumaram com isso.

“No inicio a gente era muito discriminado, muitas pessoas passavam perto da gente e até tampavam o nariz né? Agora não, agora elas já acostumaram, muitas até juntam o material pra gente recolher, já até deixam separado.” (E11/ masculino/ 41 anos)

“Acho que eles acha bom que a gente tá ajudando a fazê limpeza nas porta deles né? Num é isso? As veiz eles mesmo oferece e fala que o material tá ali e que a gente pode pegar o que puder pegar. Aí eu junto aquele monte de garrafa, aqueles monte de negócio e tô carregando aquele trem.” (E10/ masculino/ 62 anos)

Alguns catadores mencionaram ainda que algumas pessoas lhes oferecem alimentos, roupas, calçados ou que ainda incentivam seu trabalho.

“Às vezes oferece roupa, calçado, aí eu pego ajeito tudo direitinho. Até comida se a gente quiser comer tem uns que dá. Eles pergunta se tá com fome, mas eu num como porque eu tenho vergonha. Dá café. (...). Mas agora tá até

melhor pra gente, a metade das pessoa tá colocando separadinho pra gente, é só pegar e jogar dentro do carrinho.” (E5/ feminino/ 50 anos)

“Eles me trata bem, às vezes me chama lá dentro, às vezes eles vê que eu tô cansada, aí eles fala “cê tá cansada, vem cá que eu vou te dá um lanche”. Todo mundo na rua, pra mim, é muito legal pra mim.” (E6/ feminino/ 47 anos)

“... alguns acham até bonito, uma mulher falou assim – Ô minha fia num gasta ter vergonha não, você é bonitinha, vergonha é roubar, só de pensar que você vai tratar dos seus filhos com esse dinheirinho...” (E18/ feminino/ 25 anos)

Estas falas reforçam a percepção das pessoas sobre o catador, considerando-o como miserável e, portanto digno de “esmolas”. Essa associação do catador à condição de pobreza, de sujeito honesto e trabalhador têm também levado muitas pessoas a ajudá-lo e muitas vezes até a se envolverem na luta em prol do mesmo.

Como já dito em capítulo anterior, os catadores tiveram reconhecimento de sua categoria profissional oficializada na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, em 2002. E em 2003, o Governo Federal criou o Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores de Lixo visando garantir condições dignas de vida e trabalho à população catadora de lixo, bem como apoiar a gestão e destinação adequada de resíduos sólidos nos municípios brasileiros. Contudo, observa-se que não basta apenas esse reconhecimento legal do catador enquanto profissional, mas é necessário que esse Comitê realmente atue de forma a assegurar-lhe melhoria em sua qualidade de vida.

Conforme contatos realizados durante trabalho de campo, pôde-se presenciar que a Prefeitura Municipal de Ipatinga tem realizado algumas ações no sentido de apoiar o trabalho dos catadores, contudo notou-se que a própria administração pública reconhece que há muito ainda a ser feito nesse sentido. No período do trabalho de campo, a Prefeitura mantinha um galpão para triagem dos materiais recicláveis pelos catadores pertencentes a duas associações de catadores do município, oferecendo também alimentos para as refeições dos catadores nesse mesmo local. Não havia ainda a coleta seletiva de lixo nesse período, sendo que em março deste

ano se iniciaram as ações voltadas efetivamente para implementação desta. Contudo, pôde-se perceber, através das falas dos catadores, associados e não associados, que muitos desconhecem essas ações dos governos federal e municipal ou não as consideram tão relevantes. Alguns catadores entrevistados acham que o poder público não os ajuda, ou se ajuda nem ficam sabendo.

“ Ah, isso eu não entendo boba, sabe por quê? Porque se ajuda, vem pra eles, eles que recebe e a gente mesmo nem fica sabendo se tá ajudando ou se não tá. É, é aqui, porque se vem... Quando eu entrei, eles fez promessa que o governo ia mandar um dinheiro pros catador né? Fizeram a caderneta de poupança pra todo mundo, abriu caderneta pro dinheiro poder vir pra conta da gente, isso aí nunca veio, nunca recebi nenhum tostão, a não ser do que eu trago aqui e vendo”. (E1/ feminino/ 65 anos)

“Ajudá a gente eles num ajuda não, num é?” (E2/ feminino/ 60 anos)

“Ah, eles pode até tá ajudando, mas tá faltando muito ainda. Tá faltando muito pra ajudar os catadores, ainda. Aqui principalmente. Tá faltando muito ainda, tá faltando a coleta seletiva, a prefeitura dá a gente mais apoio à gente, assim, por exemplo, em caminhão, pra gente tá buscando material que às vezes até tem ganhado doação de material, mas num pode buscar, porque as vezes é lá no Horto, num tem como a gente buscar, é lugar longe, como que a gente vai empurrando um carrinho daqui lá e voltar? É. Tá faltando é isso, a Prefeitura correr mais atrás da coleta seletiva, de um carro pra tá disponível pra gente, pra hora que a gente precisa pra buscar um material. Dá as cestas básicas que nós estamos precisando muito delas aqui também. Tem muitos catador que precisa, cê entendeu? Tanto pra tá mantendo a cozinha aqui como pra tá mantendo os catadores, que muitos precisam né? Médico, médico principalmente, fazer um convênio de saúde com os médicos pros pessoal podê consultar, eu mesmo to precisando demais de médico e num tô podendo”. (E7/ feminino/ 45 anos)

A fala anterior é de uma catadora associada. Ela tem consciência de que a Prefeitura auxilia o grupo, mas sabe também que muito ainda precisa ser feito como: implantação da coleta seletiva, fornecimento regular de alimentos aos catadores, disposição de veículo para transporte dos materiais e assistência médica. Nos discursos seguintes os catadores demonstram percepção de certa “indiferença” do poder público em relação a eles.

“Não, não faz nada, nunca vi nada que eles fez, nada. Nem lei nenhuma nem nada. E eles num prejudica também não, mas num ajuda em nada”. (E14/ feminino/ 38 anos)

“Se fizesse era bom demais minha filha, já é bom que num tira nós da rua. Só de não tirar já tá bom demais, só de saber que temos esse dinheiro pra nós cuidar da nossa família”. (E16/ feminino/ 46 anos)

Essa última fala representa a satisfação de poder trabalhar na rua, e, ao mesmo tempo, a insegurança dessa oportunidade acabar. No discurso anterior a este, a catadora destaca com ênfase que mesmo não ajudando, o poder público também não atrapalha. Percebe-se aqui a falta de proteção sentida por eles, que, além de estarem isentos de qualquer direito trabalhista ainda se sentem ameaçados de ter que parar com esse trabalho por imposição do poder público.

4.4. Viver essa vida mesmo até o final: o futuro na visão dos catadores

A sobrevivência como foco. É para ela que os catadores estão olhando em suas trajetórias e é por ela que – nos descaminhos traçados pelos assombrosos mecanismos de desigualdade e injustiça – que todos lutam (ADAMETES, 2004). Os catadores, muitas vezes, tão envolvidos nessa luta perversa pela sobrevivência, não conseguem vislumbrar possibilidades de melhorias ou realizações de sonhos. Se adaptam às dificuldades, à discriminação, à precariedade em que vivem, sentindo-se, muitas vezes, como o catador entrevistado por Medeiros e Macêdo (2006) que afirmou: “Eu penso assim que eu nessa profissão, eu não tenho futuro, porque eu só ganho mesmo pra comer e vestir...”

Nas falas de alguns dos catadores envolvidos na pesquisa pôde-se perceber essa mesma representação pessimista sobre o futuro; a de que nada mais esperam e a ausência de sonhos:

“Pro futuro? Pelo que a gente faz e a gente ganha num precisa nem pensar em futuro nenhum não. Viver essa vida aí mesmo até o dia final, como se diz, do jeito que Deus dá, num tem outro jeito não. Eu daqui a mais anos, acho que num vou tá fazendo é nada, porque a força vai caindo, vai caindo, minhas vistas também tão só caindo, cada dia tá

pior, eu num leio nada sem óculos”. (E9/ masculino/ 61 anos)

“Ah, eu num sonho nada”. (E4/ feminino/ 42 anos)

“... agora eu não espero nada mais, porque minha força é pouca, meu trabalho dá pouco rendimento né? É a conta mesmo, assim, de eu comprar um remédio... É o que o dinheiro dá né? Não tenho esperança de mais nada aqui nesse mundo não...” (E1/ feminino/ 65 anos)

A inexistência de direitos trabalhistas gera preocupação e sofrimento aos catadores, que se sentem desamparados e sem condições de ter perspectivas quanto ao futuro, totalmente incerto por essa razão. Pôde-se apreender que os catadores almejam sair da informalidade, ter um emprego registrado ou até mesmo trabalhar em outra profissão. “Fichar”, para eles, tem essa representação, de segurança, de possibilidade de cuidarem deles mesmos, de se aposentarem.

“Ah! Eu tenho vontade de fichar né? E ter meu INPS. Meu sonho é esse.” (E13/ feminino/ 47 anos)

“O meu plano é fichar né? Pra poder cuidar de mim. É o meu sonho né? É ter meu salário garantido e quando eu ficar mais velha poder aposentar né?” (E16/ feminino/ 46 anos)

“Daqui a algum tempo eu quero estar fichada, esse é o meu sonho. Num lugar normal, onde um monte de gente normal trabalha.” (E14/ feminino/ 38 anos)

Notou-se que alguns catadores não demonstraram desejo de saírem da catação, mas melhorar sua renda através da valorização do preço dos materiais que coletam e facilitar suas condições de trabalho pela aquisição de um carro:

“As coisa boa que eu penso (...) De pagar mais, de pagar mais caro, que tá muito barato o material.” (E3/ feminino/ 52 anos)

“Ah, meu sonho é ter um carro pra trabalhar com minhas coisa mesmo né? Se Deus me dá a vitória né? Se fosse pra eu trabalhar mesmo, eu queria trabalhar com esses negócio mesmo de sucata, mas na minha casa né?” (E6/ feminino/ 47 anos)

O sonho de aquisição da casa própria, comum a milhares de brasileiros, foi também mencionado por muitos:

“Meus plano pro futuro? É ter uma casa, uma casa própria, porque eu não tenho”. (E19/ masculino/ 43 anos)

“Ah! Eu sonho, eu tenho vontade de ter a minha casa. É o meu sonho de ter. Você morar as custa dos outro cê tem que agüentar muita humilhação, da minha mãe eu ganho né? Tem hora que eu choro naquela casa, muito. Eu tenho muita vontade de morar, pode sê um cômodozinho, mas é meu. Riqueza eu num tenho vontade de ter não né? Tenho vontade da minha situação melhorar mais né? Tenho certeza que vai melhorar, porque já melhorou muito”. (E13/ feminino/ 47 anos)

“Meu sonho é só ter uma casa própria, pra sair do aluguel, pra vida ficar mais fácil um bocado”. (E7/ feminino/ 45 anos)

Em uma das entrevistas foi destacado o desejo de fazer curso superior, também um sonho de muitos brasileiros:

“Ah menina, eu queria fazer uma faculdade, só que o curso que eu quero fazer tem que pagar né? Aí eu vou esperar eu folgar pra eu começar. Tem que fazer o ProUni. (...) Letras.” (E17/ masculino/ 18 anos)

Este rapaz tem noção da dificuldade de acesso ao ensino superior no Brasil para as pessoas de baixa renda, quando diz que “o curso que quero fazer tem que pagar” e que “tem que fazer o ProUni¹⁵”. E este programa tem sido, muitas vezes, uma das poucas oportunidades para que essas pessoas continuem seus estudos, pois o acesso à universidade pública e gratuita acaba ficando, em sua maioria, restrito àqueles que puderam concluir o Ensino Médio com dedicação aos estudos sem trabalhar para ajudar no orçamento de suas famílias.

¹⁵ O ProUni - Programa Universidade para Todos - tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àqueles que aderirem ao Programa. Estas ações vão ao encontro das metas do Plano Nacional de Educação, que prevê a presença, até 2010, de pelo menos 30% da população na faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior, hoje restrita a 10,4%.

Um dos catadores, que em outros momentos, mencionou já ter se aposentado e trabalhar na catação apenas para complementar a renda e por não conseguir “ficar parado”, demonstrou, através desse discurso, um interessante desejo para o futuro:

“O que eu quero é que todas família seja feliz né? Eu quero que todas família seja respeitada né? Eu quero que a proteção da pessoa carente aumenta um pouco mais, além do que tá né? É só isso aí mesmo. (...) Eu já tenho meu lugar, eles já aposentou eu né? Já me favoreceu um bocado, já num tá tão ruim mais. E pedir a Deus pra me proteger pra eu não ficar sem a minha saúde. Cuidando da minha saúde tá beleza pura”. (E10/ masculino/ 62 anos)

Nesta fala notou-se a satisfação desse homem em relação às condições em que vive, pois o mesmo já está aposentado, com sua renda assegurada, ou seja, já realizou um dos sonhos dos outros catadores. Há aqui o desejo de que todos as famílias sejam respeitadas e assistidas, uma preocupação não apenas com seu bem-estar, mas com o dos outros também. A saúde foi aqui destacada por ele como uma das coisas mais importantes, que se essa for uma realidade, está “beleza pura”.

4.5. Trabalho do catador: limpeza da cidade

Os catadores desempenham um importante papel no processo de reciclagem, o fruto de seu trabalho é o ponto de partida para o abastecimento, com matérias-primas, das indústrias de reciclagem. Contudo, na maioria das vezes, observa-se que os catadores, além de desempenhar seu trabalho em condições precárias e sofrerem preconceito, ainda possuem baixo reconhecimento do papel que representam na economia e na proteção do meio ambiente (MEDEIROS e MACÊDO, 2006). Entretanto, apesar dessa discriminação, pôde-se apreender, pelas falas dos catadores entrevistados, que muitos acreditam na importância de seu trabalho como meio de manutenção da limpeza da cidade e na redução do volume de lixo que se destina ao aterro sanitário, as falas abaixo demonstram a representação destes:

“Com a limpeza, é lógico. Porque até um litro descartável chegar a se decompor pra poder limpar, ah, já poluiu tudo

já, porque pra poder limpar não vai aterrar? Não sobe aquele gás? Então.” (E15/ feminino/ 30 anos)

“Ajuda, e ajuda e muito minha filha. Quando num tinha esses negócio de catador de papelão, assim lá um ou outro que catava, até em latinha de cerveja a gente tropicava, na latinha de cerveja, agora, agora a rua é limpa né? (...) Fica tudo limpinho que o pessoal pega” (E1/ feminino/ 65 anos)

“Eu acho um trabalho bom e é também limpeza ambiental também né? Um trabalho pra (...) Ah, eu num sei dizer como que é não. Sei que, na verdade, o que a gente faz, a gente tá colaborando com a limpeza da cidade também, porque cê já imaginou se todo esse material que tá aqui dentro fosse pro lixão? Eu gosto, eu gosto de ver que muitas das coisas que antigamente era jogado no lixo, hoje tem muita utilidade e ajuda muitas família a colocar comida na mesa” (E7/ feminino/ 45 anos).

“Contribui muito né? É um meio de não poluir vários rios né?” (E11/ masculino/ 41 anos)

Carmo e Oliveira (2007) destacam que o discurso, por parte dos catadores, de valorização do meio ambiente apresenta-se como uma alternativa viável à inserção deste grupo, social e simbolicamente, uma vez que a maioria ainda vislumbra esta tarefa apenas pelos seus aspectos econômicos e de subsistência, sem se darem conta da atitude cidadã que desempenham. A partir do momento em que representarem o trabalho de catação também como meio de proteção do meio ambiente, se sentirão mais motivados ao realizar esta tarefa, alcançarão melhorias nas suas condições de trabalho e um êxito econômico maior. É realmente preocupante o fato de muitos catadores e pessoas da sociedade em geral não relacionarem esse trabalho à proteção do meio ambiente e a uma das soluções para o problema da escassez dos recursos naturais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com catadores de materiais recicláveis da cidade de Ipatinga, microrregião do Vale do Aço, leste de Minas Gerais. Indivíduos que integram um segmento social que vive nas ruas das cidades brasileiras e que chama atenção para o cenário de exclusão social, que tem marcado o país. O lixo e os catadores apontam para discussões cada vez mais em evidência: Por um lado, o lixo está associado a um consumo desenfreado, ao desperdício e aos impactos ambientais, por outro, o trabalho com o mesmo, nos moldes em que se apresenta no Brasil, mostra a falta de oportunidades e o drama que famílias inteiras têm que enfrentar na busca por subsistência.

Assim foi no cenário de discussões sobre a vulnerabilidade e exclusão social de tal segmento, que emergiram as questões que direcionaram o estudo: Como os catadores que trabalham diretamente nas ruas vêem o lixo e a atividade na qual estão inseridos? Quais suas expectativas de futuro? Será que os mesmos têm consciência da importância da atividade desenvolvida em relação à questão ambiental? O propósito do trabalho foi responder às questões anteriores, de forma a analisar o trabalho com o lixo e suas implicações no cotidiano dos catadores.

De forma geral, buscou-se identificar e analisar as representações sociais do catador de materiais recicláveis do município de Ipatinga acerca do lixo e questões a ele relacionadas. Especificamente objetivou-se: identificar o perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis; conhecer suas rotinas; identificar e analisar as representações sociais

destes acerca do lixo e de sua atividade com o mesmo; analisar suas representações quanto às perspectivas de futuro; verificar se o mesmo tem consciência da importância de seu trabalho enquanto fator que contribui para a proteção ambiental.

A abordagem qualitativa foi escolhida como perspectiva metodológica para o desenvolvimento da pesquisa. Como técnicas de coleta e construção dos dados foram utilizados o questionário, a entrevista semi-estruturada, a observação direta e o registro fotográfico. Através do uso da análise de conteúdo os dados foram categorizados e interpretados.

Não houve uma escolha prévia dos entrevistados, tanto em termos numéricos, quanto em relação ao perfil que apresentavam. A seleção foi ocorrendo aos poucos, à medida que a pesquisa ia sendo realizada, tendo sido utilizado o critério da “saturação”, para chegar ao número-limite de participantes. Neste contexto, a amostra foi constituída por 20 catadores(as). Destes, dez levavam os materiais coletados para galpões de comercialização de recicláveis (sucatarias), outros para uma sucataria localizada no bairro Cidade Nobre ou para outra localizada no bairro Vila Celeste. O grupo restante fazia parte de associações; seja da ASCARI – Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Ipatinga, localizada no bairro Canaã, seja da AMAVALE – Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Vale do Aço, no bairro Veneza.

O trabalho de pesquisa permitiu o acompanhamento direto da realidade vivenciada pelos catadores. Pôde-se constatar uma rotina muito desgastante para obtenção de uma renda baixa, atingindo o máximo de um salário mínimo vigente à época. O desemprego foi apontado por eles como o principal motivo para inserção na atividade de coleta de materiais recicláveis, sendo também destacadas outras razões como baixa escolaridade, limitações físicas para exercer outra atividade e idade já avançada.

A vida cotidiana revela uma rotina que se repete a cada dia. Os catadores dormem e acordam cedo e se alimentam em horários inadequados, muitos fazendo suas refeições pelas ruas da cidade. As mulheres se desdobram entre trabalho na catação, afazeres domésticos e cuidado com os filhos, mostrando a dupla jornada, que aponta para uma

questão de gênero. Lazer e descanso são itens quase inexistentes, até mesmo aos finais de semana.

Muito reveladoras foram as representações acerca do “lixo” evidenciadas nos discursos dos catadores. Eles demonstraram a valorização do termo promovendo-o à condição de material reciclável, alegando que este não é lixo, pois “algo que gera renda não pode ser lixo”. Estes novos significados dados ao lixo podem interferir no engajamento desses trabalhadores em sua tarefa, na valorização de seu trabalho como meio de proteção do meio ambiente e na articulação para a obtenção de melhorias em suas condições de trabalho e rendimento econômico.

Os catadores com idade superior a 60 anos foram os que demonstraram maior satisfação no exercício da atividade de coleta de materiais recicláveis. Associam este trabalho a uma forma de esquecer os problemas e cuidar do corpo, porque estão se movimentando, conhecendo pessoas. Enfim, se sentindo úteis. Muitas mulheres também se mostraram satisfeitas nesta atividade devido à flexibilidade de horário, o que facilita a execução dos afazeres domésticos.

Apesar destes argumentos favoráveis, foram encontrados também catadores descontentes, com alegações de que o exercício daquela atividade, estava ligada à falta de oportunidades no mercado de trabalho.

Muitos mencionaram a existência de estigmas e preconceitos por parte das pessoas quanto a eles e ao trabalho que exercem, o que é explicado pela situação de miséria em que se encontram os catadores e ao fato de trabalharem com o lixo.

Contudo, os catadores fazem questão de se autodenominarem “trabalhadores”, de batalharem por isto, mas reconhecem que nem sempre são assim considerados pela sociedade. Muitas são as causas disso: a proximidade ao lixo, as formas como exercem a atividade de catação, misturando-se e disputando restos; a condição de pobreza, fortemente associada à marginalidade, etc.

Através de seus depoimentos e atitudes, pôde-se compreender a dualidade trabalho x marginalidade tão presente em seu cotidiano, que, muitas vezes, acaba sendo uma das grandes motivações para o enfrentamento de uma atividade tão precária e discriminada em prol da

sobrevivência. Os catadores afirmaram que preferem ser considerados “pobres honestos” a “sujeitos perigosos”.

Nessa luta diária, alguns catadores possuem uma visão pessimista do futuro, não conseguindo vislumbrar possibilidade de melhorias ou realização de sonhos. Mas, muitos sonham em melhorar suas condições de vida e de moradia, além de seu trabalho como catador. Sonham com a seguridade social e trabalhista, anseio de milhares de brasileiros, submetidos à informalidade e ao desemprego. A formação através da educação formal também foi encontrada como alvo.

A maioria dos catadores sabe da importância de sua atividade como fator de proteção para o meio ambiente. Destacaram que a catação contribui para limpeza da cidade e redução no volume de lixo enviado ao aterro sanitário.

O trabalho dos catadores é o ponto de partida para o abastecimento, com matérias-primas, das indústrias de reciclagem. Além disso, ao reduzirem o volume de lixo a ser disposto no lixão ou em aterros, aumentam a vida útil dos aterros sanitários e diminuem a poluição do solo. Contudo, muitas vezes, os catadores, além de desempenharem seu trabalho em condições precárias e sofrerem preconceito, ainda possuem baixo reconhecimento do papel que representam na economia e na proteção do meio ambiente.

O reconhecimento dos catadores enquanto indivíduos portadores de direitos e deveres e principalmente como protagonistas da ação da reciclagem de lixo é uma meta, a qual atualmente a sociedade já vem se deparando. Isso é ainda mais verdadeiro pelo fato de que tais catadores, apesar de muitas vezes não se darem conta, prestam um serviço à sociedade, pois reduzem a exploração de recursos naturais não renováveis e minimizam os impactos ambientais do lixo.

A pesquisa confirmou a existência de uma espécie de conformidade com a exclusão, onde parece normal que uns tenham mais direitos do que outros, ou até mesmo que muitos sejam desprovidos de direito algum. Neste sentido, pesquisar a realidade em questão leva a repensar as desigualdades sociais sempre presentes na história do Brasil, que tempo após tempo vêm

deixando marcas naqueles que, além de não ter acesso ao mínimo necessário à sobrevivência, ainda enfrentam discriminação e estigma.

Assim como se varre para debaixo do tapete o lixo material, a sociedade cada vez mais parece querer esconder, ou se ver livre, do que reconhece como “lixo humano”. Ignorá-los parece ser a atitude mais cômoda numa sociedade historicamente desigual e excludente.

Não há como investigar e conhecer esse cenário de trabalho com o lixo sem retornar aos atores sociais que participaram diretamente da pesquisa. É a responsabilidade científica do pesquisador, que mesmo sabendo da impotência diante da situação observada, mostra aos participantes, o registro de suas falas e inquietações. Acreditamos que esse seja o papel daquele que trabalha com uma realidade social tão dura quanto a dos catadores, ao mesmo tempo em que busca contribuir para dar visibilidade aos grupos vulneráveis que integram a sociedade brasileira.

Certamente o trabalho não se esgota aqui, mas, pelo contrário, ajuda a abrir caminhos para outras pesquisas que possam reverter em melhoria dos meios e condições de trabalho dos catadores bem como para o reconhecimento social desses trabalhadores.

Futuras pesquisas poderiam abordar a realidade social dos catadores de materiais recicláveis em diferentes cidades brasileiras. Dessa forma, se tornaria possível um maior conhecimento sobre esses atores sociais e suas especificidades, bem como a utilização destes conhecimentos científicos como base para futuras políticas públicas em prol deste segmento social, não enquanto medida assistencialista, mas enquanto mudança de postura política e comprometimento social.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, H. A justiça ambiental e a dinâmica das lutas sócio-ambientais no Brasil – uma introdução. In: ACSELRAD, H. HERCULANO, S. e PADUA, J. A. **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume. Fundação Ford, 2004.

ADAMETES, C. M. **Trajetória de uma associação de catadores (as) de lixo no Brasil: em busca de um lugar social**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Portugal, 2004.

AGENDA 21. **O que é agenda 21?** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=597> Acesso em: 12 Mar. 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edição 70, 1979. 229p.

BARROS, V. A.; SALES M. M. & NOGUEIRA, M. L. M. (2002). Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho. Em Goulart, Í.B. (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 516 p.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, Coleção Teses, 1994. 142 p.

BUARQUE, C. **A revolução das prioridades**. Instituto de Estudos Econômicos (INESC), 1993a.

BUARQUE, C. **O que é apartação – o apartheid social no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993b.

BURSZTYN, M. (org). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Ed. Humanitas, 1997.

CAMPOS, H. K. T. **Programa nacional Lixo e Cidadania**. Disponível em: <<http://www.lixoecidadania.org.br>> Acesso em: 12 fev. 2006.

CARMO, M. S.; OLIVEIRA, J. A. P. **Cooperativa de catadores – relação entre semântica do lixo, significados do trabalho, inclusão social e cidadania**. Disponível em: <www.ebape.fgv.br/radma/doc/SMA/SMA010.pdf> Acesso em: 27 mar. 2007.

CESCONETO, E. A. **Catadores de lixo: uma experiência da modernidade no oeste paranaense**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Portugal, 2004.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001. 164p.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM – CEMPRE. **Coleta seletiva aumenta 38% no Brasil**. Disponível em: <<http://maxpressnet.com.br/noticia.asp?TIPO=PA&SQIN=228147>> Acesso em: 10 agosto 2006.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM – CEMPRE. **Manual de gerenciamento integrado do lixo municipal**. São Paulo: CEMPRE, 1995.

CONTEÚDO ESCOLA. **Exclusão social. Que bicho é esse?** Disponível em: <<http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/95/36/>> Acesso em: 18 abril 2007.

CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: **Cadernos de Sociologia**, v. 9. Porto Alegre, Jan./ Julho 1994.

COSTA, R. G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. In: **Revista estudos feministas**. Vol. 10, nº 002, Rio de Janeiro, Jul./ Dezembro 2002.

CRUZ, A. L. M. **A reciclagem dos resíduos sólidos urbanos: um estudo de caso** 157f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989. p. 11-40.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000. 216 p.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. 14 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (org.) **Textos em representações sociais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (p. 31-59).

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 790p.

FERREIRA, S. L. Os “catadores de lixo” na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental. In: **Revista Urutágua**. Disponível em: <<http://www.uem.br/urutagua/007/07ferreira.htm>> Acesso em: 23 fev. 2006.

FIGUEIREDO, P. J. M. **A sociedade do lixo**. 2ª ed. Piracicaba: Unimep, 1995. 240p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. In: **Ciência e saúde coletiva**, Abril/ Junho 2005, vol.10, nº. 2, p.357-363..

GONÇALVES, H. H.; ABEGÃO, L. H. **Da ausência do trabalho à viração: a importância da catação na manutenção da vida**. Disponível em:

<<http://www.anppas.org.br/encontro/segundo/Papers/GT/GT09/Heloisa%20e%20Luis.pdf>> Acesso em: 23 fev. 2006.

GONÇALVES, R. S. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. 97f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: 2004.

GRIFFITH, J. J. **Sistemas de Gestão Ambiental**. Viçosa-MG, 2005. (Notas de aula)

GRIMBERG, E.; BLAUTH, P. **Coleta seletiva: reciclando materiais, reciclando valores**. Publicação Pólis. Nº 31, 1998.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 324p.

GUIMARÃES, R. P. Desenvolvimento sustentável: da retórica à formulação de políticas públicas. In: BECKER, B.; MIRANDA, M. **A geografia política do desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS (IPT). **Cooperativas de catadores de materiais recicláveis: guia para implantação**. São Paulo: SEBRAE, 2003.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS (IPT), Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE). **Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado**. São Paulo, IPT, 1996.

JUNCÁ, D.; GONÇALVES, M. P.; AZEVEDO, V. G. **A mão que obra no lixo**. Niterói: EdUFF, 2000.121p.

JUNCÁ, D. **Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo**. 250p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: 2004.

KEMP. V. H. Trabalho, Solidariedade e Autonomia: a Associação de Catadores de Material Reciclável de São João Del-Rei – ASCAS. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. 7p.

- KUHNEN, A. **Reciclando o cotidiano. Representações sociais do lixo.** Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas. 1995. 103 p.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental.** São Paulo: Cortez, 2001a. 240p.
- LEFF, E. **Saber ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2001b. 343p.
- LOPES, J. R. Exclusão social e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. In: **Psicologia e Sociedade.** Maio/ agosto 2006, vol. 18, nº 2. p.13-24.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- LUDWIG, M. P. **Descortinando a paisagem – a construção social do espaço e o sentido do lugar: uma comunidade rural da Zona da Mata de Minas Gerais nos umbrais do século XXI.** 239f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.
- MADEIRA, V. P. C.; PESSOA, L. G. P. Para falar em representação social. In: **III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais.** Rio de Janeiro, 2003. 206p.
- MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade.** Campinas, SP: Átomo, 2003.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas. 1999. 260 p.
- MARX, K. **O capital,** Livro I, Capítulo VI. São Paulo: Editora da USP – Ciências Humanas, 1978.
- MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? In: **Psicologia e Sociedade** – maio/ agosto-2006, vol.18, nº 2, p.62-71.
- MIGUELES, C., P. Significado do lixo e ação econômica – a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Administração.** Curitiba, PR, 2004.

MINAYO, M. C. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (org.) **Textos em representações sociais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (p. 89-111)

MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE. **Gestão integrada de resíduos sólidos na Amazônia: como lidar com o lixo de maneira adequada**. Brasília-DF: MMA, 2002. 51p.

MUNHOZ. **Texto básico de educação ambiental para primeiros e segundo grau**. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m-a-txt8.html>> Acesso em: 12 março 2000.

NÓBREGA, S. C. A. **Resíduos urbanos em Patos-PB: impactos ambientais, políticas públicas e representações sociais**. 230 f. Tese (Doutorado em Ciência Florestal) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2005.

OLIVEIRA, C. C. et al. **Perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis de Viçosa-MG**. UFV, IV SEU, Fevereiro-2007.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 104-117.

PEIXOTO, C. E. Imagens em Caleidoscópio: jardins, praias, danças, jogos e gente envelhecida. In: **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000. 71 – 97 pp.

PEREIRA, M. C. **Diversidade e especificidade de fungos micorrízicos associados a *Epidendrum secundum* (Orchidaceae) em um campo de altitude no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – MG**. Dissertação (Mestrado em Microbiologia Agrícola), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

PEREIRA NETO, J. T. **Quanto vale nosso lixo**. Viçosa, UFV, 1999. 70 p.

PETRINI, J. C.. **Pós-modernidade e família**. Ed. Edusc, Bauru, 2003.

PORTAL DO CIDADÃO. **Heroínas das ruas: 90% de catadores de papel em Ipatinga são mulheres**. Disponível em: <<http://www.ipatinga.mg.gov.br/>> Acesso em: 14 Fev. 2007.

PORTAL DO CIDADÃO **Ipatinga, cidade do verde**. Disponível em: <<http://www.ipatinga.mg.gov.br/>> Acesso em: 14 Fev. 2007.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995. 90p.

REIS, E. P. e SCHWARTZMAN, S. **Pobreza e exclusão social: aspectos sócio-políticos**. Disponível em<<http://www.schwartzman.org.br/simon/pdf/exclusion.pdf>> Acesso em: 18 Abril 2007.

RIBEIRO, T. F. e LIMA, S. C. Coleta seletiva de lixo domiciliar: estudo de casos In: **Revista Caminhos da Geografia**, dezembro/ 2000. Instituto de Geografia-UFU. p. 50-69.

RINO, C. A. F. e VENTURINI, M. P. Análise da coleta seletiva de resíduos sólidos em duas comunidades no município de Bauru-SP. In: **Anais do 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental**. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/III-002.pdf> > Acesso em: 23 fev. 2006.

RÜGER, K. F. et al. Reflexões sobre a viabilidade do desenvolvimento sustentável. In: ROSSI, A. M. G. (Org.) **Ambiente construído: reflexões sobre o desenvolvimento urbano sustentável**. Rio de Janeiro: Letras, AFEBA, 2003. P. 76-103.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110p.

SANTOS et al. Meio ambiente urbano In: CAMARGO, A. et al (org.). **Meio ambiente Brasil – avanços e obstáculos pós Rio 92**. São Paulo: Estação Liberdade, Instituto sócio-ambiental. 2002.

SANTOS, J. **Os caminhos do lixo em Campo Grande**: disposição dos resíduos sólidos na organização do espaço urbano. Campo Grande: UCDB, 2000. 109p.

SANTOS, J. M. R. **Coleta seletiva de lixo**: uma alternativa ecológica no manejo integrado dos resíduos sólidos urbanos. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SCARIOT, N. ACKER, C. H. **História de vida e exclusão social: os catadores de lixo reciclável em Ijuí.** Disponível em: www.rizoma.ufsc.br/showprod.php?id=206. Acesso em: 10 Set. 2004.

SEBRAE. **Curso básico de gestão ambiental.** Brasília. 2004. Disponível em: <http://df.sebrae.com.br/mostraPagina.asp?codServico=462>>. Acesso em: 10 out. 2005.

SILVA, L. H. **As representações sociais da relação educativa escola-família no universo das experiências brasileiras de formação em alternância.** Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, L. H. Representações sociais e educação: refletindo sobre as possibilidades de um diálogo. In: **Psicologia em estudo.** DPI/CCH/UEM, São Paulo, v.3, n.1, p. 105-124, 1998.

SIRKIS, A. Meio ambiente e cidade. In: TRIGUEIRO, A. (Org.) **Meio ambiente no século 21.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 367p.

SOUSA, C. R. **Representações sociais da questão ambiental em nível global, setorial e cotidiano:** um estudo multicasos em laticínios de Lavras/MG. 189f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras - MG, 2003.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. IN: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (ORG.) **Textos em representações sociais.** 7ª ED. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2002. (P. 89-111)

SPINK, M. J. (org.) **O conhecimento no cotidiano:** as representações nas perspectivas da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPOSATTI, A. Prefácio, em SAWAIA, B. B. NAMURA, M. R. (Orgs.) **Dialética exclusão/ inclusão: reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da psicologia social crítica.** Taubaté, São Paulo: Cabral Editora Universitária, 2002.

SPOSATTI, A. **Mapa da exclusão/ inclusão na cidade de São Paulo.** São Paulo: EDUC, 1996.

TEIXEIRA, C. **Reciclar é preciso**. Disponível em: <<http://www.intelecto.net/cidadania/meio-5.html>> Acesso em: 12 mar. 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1996. 108p.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Triviños, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**: 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. **Inclusão social e redução da pobreza**. Disponível em: <http://www.unesco.org.br/areas/dsocial/areastematicas/inclusaosocial/index_html/mostra_documento> Acesso em: 18 abril 2007.

VIEIRA, **Desenvolvimento sustentável e educação ambiental**. Disponível em: <<http://membro.intermega.com.br/bromelia/recicla.html>> Acesso em: 12 mar. 2000.

VLEK, C. Globalização, dilemas dos comuns e qualidade de vida sustentável: do que precisamos, o que podemos fazer, o que podemos conseguir? In: **Estudos de psicologia**. 2003. p.221-234.

WIKIPÉDIA. **Ipatinga**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ipatinga>> Acesso em 14 Fev. 2007.

ZACARIAS, R. **Consumo, lixo e educação ambiental: uma abordagem crítica**. Juiz de Fora: FEME, 2000. 88p.

ANEXOS



Figura 16 – Catadoras separando materiais recicláveis já coletados em terreno baldio próximo à sucataria do bairro Cidade Nobre. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 17 – Carrinho de catador cheio de materiais recicláveis. Período de separação dos diferentes tipos de materiais. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 18 – Catador em uma avenida do bairro Cidade Nobre. Trabalhando com o carrinho cheio, não consegue enxergar por onde passa. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 19 – Cozinha do Galpão de Triagem da ASCARI – Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Ipatinga. É servido café da manhã, almoço e lanche da tarde aos catadores. Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 20 – Cozinha da sede da AMAVALE – Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Vale do Aço. É servido café da manhã, almoço e lanche da tarde aos catadores. Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

Data da realização: ___ / ___ / _____

Responsável: _____

Nome do entrevistado: _____

1. Perfil socioeconômico:

1.1. Sexo: () Masculino () Feminino

1.2. Idade: _____ anos

1.3. Estado civil: () Solteiro () Casado () Concubinato

() Viúvo () Divorciado

1.4. Endereço:

1.5. Naturalidade: _____

1.6. Escolaridade:

() Sem instrução formal () Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo () Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo () Ensino Superior incompleto

1.7. Membros da família residentes na mesma casa:

MEMBROS	PARENTESCO	OCUPAÇÃO	SALÁRIO MENSAL
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			

8			
9			
10			
Renda total:			

1.8. Participa de algum programa assistencial do governo (bolsa escola, bolsa família, PETI, etc)? Sim Não

Se afirmativo, qual? _____

1.9. Bens e serviços disponíveis:

- Casa: alugada própria cedida
- Telefone: possui não possui
- Eletricidade: possui não possui
- Água/ Esgoto: possui não possui
- Instalações sanitárias dentro de casa possui não possui
- Serviço público de coleta de lixo: possui não possui

2. Trabalho com a coleta de materiais recicláveis

2.1. Renda obtida com esta atividade: _____

2.2. Possui outra fonte de renda além desta? Sim Não

Qual? _____

2.3. Para quem você vende os materiais coletados? _____

2.4. Qual o preço do quilo de cada material?

a) papel _____ b) papelão _____ c) alumínio _____

d) plástico _____ e) metal _____ f) outros _____

2.5. Você coleta alguma coisa que não seja para vender e sim para uso pessoal? Sim Não

Exemplo. _____

2.7. Meio utilizado para transporte dos materiais recicláveis:

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUESTÕES NORTEADORAS

- Motivos que levaram à inserção na atividade de coleta de materiais recicláveis.
- Tempo decorrido desde a inserção nesta atividade.
- Experiências anteriores de trabalho.
- Envolvimento de outros membros da família na atividade de coleta de materiais recicláveis.
- Rotina (da hora que levanta até a hora em que vai dormir/ fins de semana)
- Significado da atividade de coleta de materiais recicláveis.
- Significado do lixo.
- Auto-imagem enquanto catador de materiais recicláveis.
- Percepção do outro em relação ao catador/ trabalho com o lixo.
- Perspectivas de futuro.